

N.º 2

CENTRO

ABRIL – JUNHO 2023

ÍTACA



**A ODISSEIA NACIONAL DO
TEATRO NACIONAL D. MARIA II**

**Disseia
nacional**

ÍTACA

(1911)

Quando abalares, de ida para Ítaca,
Faz votos por que seja longa a viagem,
Cheia de aventuras, cheia de experiências.
E quanto aos Lestrigões, quanto aos Ciclopes,
O irado Poséidon, não os temas,
Disso não verás nunca no caminho,
Se o teu pensar guardares alto, e uma nobre
Emoção tocar tua mente e corpo.
E nem os Lestrigões, nem os Ciclopes,
Nem o fero Poséidon hás-de ver,
Se dentro d'alma não os transportares,
Se não tos puser a alma à tua frente.

Faz votos por que seja longa a viagem.
As manhãs de Verão que sejam muitas
Em que o prazer te invada e a alegria
Ao entrares em portos nunca vistos;
Hás-de parar nas lojas dos fenícios
Para mercar os mais belos artigos:
Ébano, corais, âmbar, madrepérolas,
E sensuais perfumes de todas as sortes,
E quanto houver de aromas deleitosos;
Vai a muitas cidades do Egipto
Aprender e aprender com os doutores.

Ítaca guarda sempre em tua mente.
Hás-de lá chegar, é o teu destino.
Mas a viagem, não a apresses nunca.
Melhor será que muitos anos dure
E que já velho aportes à tua ilha
Rico do que ganhaste no caminho
Não esperando de Ítaca riquezas.

Ítaca te deu essa bela viagem.
Sem ela não te punhas a caminho.
Não tem, porém, mais nada que te dar.

E se a fores achar pobre, não te enganou.
Tão sábio te tornaste, tão experiente,
Que percebes enfim que significam Ítacas.

Konstantinos Kaváfis

A Ítaca é a revista da Odisseia Nacional do Teatro Nacional D. Maria II.

Enquanto percorremos mais de 90 concelhos do país com espetáculos, projetos de participação, atividades para o público escolar, eventos de pensamento, ações de formação e uma exposição, encontramos nesta revista o momento para parar, conversar e ler. Nela descobrimos pessoas, ideias, projetos e territórios envolvidos neste programa anual que percorre Norte, Centro, Açores, Madeira, Alentejo e Algarve.

Nesta segunda edição, destacamos as entrevistas com a artista Tita Maravilha e o ator João Nunes Monteiro, os textos inéditos do escritor André Tecedreiro e da artista Odete, ou as sugestões de percursos na natureza na região Centro, a que dedicamos este número.

Boa Odisseia Nacional!

- 02 ENTREVISTA**
Tita Maravilha, vencedora da 5ª Bolsa Amélia Rey Colaço, entrevistada por Lila Tiago
- 08 JÚNIOR**
A turma de teatro era ruidosa porque era suposto que o fosse, por André Tecedeiro
- 11 DIÁRIO DE BORDO**
Muitos Atos, por Léa Prisca López
- 14 DÍPTICO**
As revelações de *Pérola Sem Rapariga*
- 16 RETRATO**
Terceira Pessoa – *Os Idiotas* ou talvez sejam só felizes
- 20 PRIMEIRA PESSOA**
João Nunes Monteiro à conversa com Catarina Requeijo
- 26 URGENTES EMERGENTES**
Odete, a arqueóloga do futuro
- 30 BASTIDORES**
O Misanthropo antes das pancadas de Molière
- 36 PASSAGENS**
Raquel Castro: “Continuam a fascinar-me as histórias de vida que há na minha vida”
- 39 CARTA BRANCA**
Silence, Silence, Silence, Please
- 40 NAVEGAÇÕES**
Os lugares da Amarelo Silvestre
- 42 VER FAZENDO**
Passeando a Norte pelos Atos e Frutos da Odisseia Nacional
- 46 CENÁRIOS**
“Porta aberta / mesa posta / entrai com alegria”. E entrámos.
- 50 EXPOSIÇÃO**
A possibilidade de um teatro, por Tiago Bartolomeu Costa
- 54 OUTRAS CASAS**
Espaços culturais do Centro – para além da forma
- 58 FORA DE PALCO**
Cinco roteiros a não perder no Centro
- 64 AGENDA**

ENTREVISTA

TITA MARAVILHA

**“ESTOU
CONVIDANDO
TCHÉKHOV
PARA SE
EMOCIONAR
COMIGO”**

ENTREVISTA POR LILA TIAGO

0
2





Lila Tiago, também conhecida como Lila Fadista, cantora, é uma das metades das Fado Bicha, ao lado de João Caçador, instrumentista. Fazem parte da Odisseia Nacional, dando música e um “filtro queer” à *Casa Portuguesa*, de Pedro Penim. Nestas páginas, Lila interpreta o papel de entrevistadora. A entrevistada é Tita Maravilha, atriz, performer e vencedora da 5ª Bolsa Amélia Rey Colaço, com a peça *As Três Irmãs*. Ao longo do seu percurso, Tita tem assumido vários papéis, desde a direção e criação artística do Festival #Precárias, à performance em *Trypas Corassão*, projeto musical, estético e político, criado com Cigarra, ou a interpretação de diferentes personagens em diversos contextos. Nesta entrevista, Tita Maravilha fala sobre a sua reinterpretação do clássico de Anton Tchekhov, abordando temas essenciais para a sua vida e para o seu trabalho: identidades, transições, teatro e futuro.

Lila Tiago, also known as Lila Fadista, a singer, is one of the two halves of Fado Bicha, alongside João Caçador, an instrumentalist. They are part of Odisseia Nacional, providing music and a "queer filter" to *Casa Portuguesa*, by Pedro Penim. On these pages, Lila plays the role of interviewer. The interviewer is Tita Maravilha, actress, performer and winner of the 5th Amélia Rey Colaço Grant, with the play *As Três Irmãs*. Throughout her career, Tita has taken on various roles, from the artistic direction and creation of Festival #Precárias, to the performance in *Trypas Corassão*, a musical, aesthetic, and political project she created with Cigarra, or the interpretation of different characters in various contexts. In this interview, Tita Maravilha talks about her reinterpretation of Anton Chekhov's classic, addressing several key issues in her life and work: identities, transitions, theatre, and the future.



Lila Tiago (LT): Estou aqui com Tita Maravilha, que é, como diria Linn da Quebrada, “nem ator, nem atriz, atroz”, cantora, performer, palhaça, nascida nos anos 90, em Pirenópolis, Estado de Goiás, interior do Brasil, que mora em Portugal neste momento. Tiveste um período a morar em Portugal durante a adolescência, pré transição, e agora moras cá há quatro anos, não é?

Tita Maravilha (TM): Sensivelmente, cheguei em novembro de 2019.

LT: Quase quatro anos, então.

TM: Contando com a primeira vez que vivi cá, durante quatro anos, vai fazer oito que estou vivendo em Portugal.

LT: No âmbito da Odisseia Nacional, estás envolvida em dois espetáculos: *Outra Língua*, com direção de Keli Freitas e Raquel André, e aquele que é o motivo principal desta conversa, que estás a criar e a encenar, *As Três Irmãs*, projeto vencedor da 5ª edição da Bolsa Amélia Rey Colaço. Quero muito falar sobre este espetáculo, mas antes gostava de partir de uma frase tua, dita numa entrevista ao Gerador, para te fazer uma pergunta. “A peça não é sobre identidades trans, é sobre a subjetividade destas atrizes e personagens. O meu trabalho vai muito nesse lugar de dissolver” — e acho peculiar usares a palavra dissolver — “as obviedades do que se pensa e o que se escreve, e o que se planeia para o futuro, enquanto pessoas trans”. Tendo em conta que és a primeira pessoa trans e a primeira pessoa brasileira a ganhar a Bolsa Amélia Rey Colaço, em Portugal, em 2023, gostava de te perguntar: para ti ainda faz sentido pensar o teatro como um lugar onde se ensaia o futuro?

TM: Ontem foi o Dia Mundial do Teatro [27 de março] e me deparei com um vídeo da Keyla Brasil, que tem sido um marco de pensamento com o qual me identifico, e ela disse um texto-poesia sobre o que é isso do teatro. “O teatro não é um homem branco, o teatro não tem sangue azul, o teatro é a vergonha dos ricos,

é a glória dos aflitos...” e vai passando por todas essas camadas que nos levam a pensar na história do teatro. Isso me fez pensar na minha própria trajetória. A minha primeira porta de descoberta foi o teatro, durante muito tempo achei que queria abandoná-lo, porque o teatro é tradicional demais, e agora sinto que esta peça me coloca numa posição importante para repensar o futuro da arte. Estar a remontar um clássico é um momento importante para trazê-lo para o presente. É importante pensar no teatro como uma potência social e de transformação. Sem qualquer pretensão absurda de pensar que estou mudando o fluxo da história, porque não pensar que é possível, numa ideia de micropolítica, que esta peça possa ser importante na vida das pessoas que vierem vê-la? Talvez o meu grande objetivo seja esse: conseguir emocionar, chegar em algum lugarzinho que possa compartilhar a minha, a nossa experiência, em que os públicos se possam comover com pessoas trans fora dos lugares-comuns e óbvios que possam acreditar que sejam a nossa vivência.

A Bolsa Amélia Rey Colaço existe e — não só não descartando, como potencializando o trabalho de todas as pessoas que enviaram candidatura — calha-me a mim, agora, esta missão, também enquanto uma artista ativista. Tenho aqui um lugar de *falha*, um lugar para poder mostrar que estamos vivas, estamos em movimento. Isso pode ser transformador, simplesmente por apresentarmos os nossos corpos, independentemente do que vai ser a peça, porque ainda está em construção, mas pelo simples facto de nos colocarmos ali, presentes e disponíveis para uma troca.

LT: E poderes fazer rodar a engrenagem com a tua contribuição.

TM: Exatamente. Até que o apocalipse prometido aconteça [risos], estaremos na tentativa de nos mantermos vivas, e o lugar da arte nos coloca possíveis, fora do universo da prostituição, da marginalização. Mesmo que neste espaço sejamos, de alguma forma, marginalizadas, este acesso é muito importante.

LT: Referiste a Keyla Brasil, e acho que faz todo sentido falar dela e da ação que se montou contra o *transfake*, enquanto fenómeno geral, mas particularizado na peça *Tudo Sobre a Minha Mãe*, apresentada em janeiro, no Teatro São Luiz, em Lisboa, encenada pelo Daniel Gorjão. Qual foi para ti, enquanto pessoa trans, artista, criadora, emigrante, o impacto emocional, mas também criativo, da ação-interrupção encabeçada pela Keyla Brasil? O que é que esse momento representa para ti?

TM: Quando me chega o vídeo da Keyla nessa ação direta, subiu um fogo em mim e falei: *que momento importante!* Percebemos que é um momento importante pelas reações, pela quantidade de *haters* e de *lovers*. Simplesmente mexeu, chacoalhou, e a chacoalhada é, por si só, um movimento político. Foi um dos momentos mais importantes que já vivi.

A interseccionalidade e os encontros pós e anticoloniais estão fazendo com que aconteça muita coisa boa e sinto que isso, por vezes, é desvalorizado. Portugal está borbulhando, está em chamas para novidades, mas é importante pensarmos que o movimento trans não está começando agora, existe uma luta sendo feita há muito tempo, cá e lá fora. Sou atriz, emigrante, transporto uma carga de algumas coisas que já foram sendo caminhadas no Brasil e movimento *transfake* já está sendo discutido lá há mais tempo. Temos, por exemplo, o trabalho da Renata Carvalho, que foi uma das responsáveis pelo lançamento do *Manifesto Representatividade Trans* em 2017 e editou o texto da peça *Manifesto Transpofágico*, que vem sendo encenada desde 2019.

Mesmo sendo muito diferente, o movimento trans tem alguns princípios dos movimentos pretos. As pessoas entenderam que já houve um tempo em que se fazia *blackface*, mas agora não, temos artistas pretos prontíssimos para



Ivvi Romão, Luan Okun e João Abreu, intérpretes de *As Três Irmãs* © Gadutra

fazer qualquer personagem. Precisamos de contar as nossas histórias. Talvez uma das coisas que me incomoda muito, que aconteceu em relação à Keyla, é que parece que estamos desrespeitando a história do teatro, dos atores e das atrizes. É preciso reforçar que nada disso é pessoal, não estou tirando o seu trabalho. Estamos sim, reescrevendo as nossas dramaturgias, as trans dramaturgias, e a grande diferença da nossa história é que muitas pessoas foram mortas por narrativas inventadas por pessoas cis[gênero]. Agora a luta — e a Keyla faz isso muito bem — é pela nossa sobrevivência, é para nos mantermos vivas.

LT: Falando agora um pouco sobre *As Três Irmãs*. É um clássico, de Anton Tchekhov, um grande dramaturgo russo. Sei que a peça é sobre três irmãs moscovitas, que estão confinadas a uma cidade no interior da Rússia, da qual anseiam escapar. Muito do que é espelhado no seu discurso prende-se com uma insatisfação absoluta e profunda, causada pelo afastamento de uma vida mais erudita. Li que tinhas chegado à conclusão que, apesar de a peça se chamar *As Três Irmãs* e de ser, alegadamente, sobre elas, há um processo de desprotagonização, já que grande parte do texto é tomado por personagens masculinas. Fiquei a pensar se parte do teu desejo de recriares uma versão desta peça tinha que ver com uma espécie de resgate do lugar do feminino de um sítio de subalternidade, se esse processo é uma coisa que te move emocional e criativamente.

TM: Na história da arte, o início do teatro é todo feito por homens, a mulher está ausente, a coisa já começa mal. Penso numa abordagem enquanto pessoa que junta dois conceitos,

que é o de pessoa trans e o de mulheridade. Neste caso, você lê uma peça que se chama *As Três Irmãs* e estão esses soldados enchendo o saco [risos], as irmãs realmente foram desprotagonizadas dentro da história. As personagens mulheres estão sempre à deriva dos desejos da masculinidade desse tempo. Uma das coisas que me interessa muito, que você cita logo no início do nosso encontro, é que eu sou interiorana, com uma estética brejeira, e me interessa localizar outras pessoas trans portuguesas do interior, alguém que veio de uma pequena localidade do Alentejo e que está em Lisboa, porque precisou de fugir daquela mesmice, pessoas que usam uma expressão que eu adoro, “vou p’ra terra encontrar com a minha avó” [risos]. Esses lugares mais pequenos vão situando mentalidades e, sendo eu do interior, pego nisso para usar de impulso. Não vou assumir que as localidades interioranas são destituídas de instrução, mas sei que todo esse aspeto rural tem um outro contexto de pensamento. O processo de *As Três Irmãs* me interessa nesse sentido, para transpor o pensamento das mulheres que estão no interior.

Uma das quebras dramáticas que estou a fazer no meu encontro com a Keli Freitas [assistência à dramaturgia] — pensando que não estamos com medo de uma releitura, é uma reinterpretação de Tita Maravilha desse clássico! — é trabalhar com a ideia de autoficção, assumindo que, até certo ponto, todas as biografias são ficcionais. Pensando a partir de uma autoficção, não consigo fazer uma peça sobre a burguesia a não ser para tirar um sarro [risos]. Preciso de reler esse texto enquanto pessoa trans pobre. Antes de me descobrir como pessoa trans, como é que foi a história das certezas e das palavras que são a minha interseccionalidade? A primeira coisa que perguntei à minha mãe: “Somos pobres? Sim, somos.” Aqui há uma objetividade muito forte, tem a ver com ir no mercado e pensar, não posso comprar isso, não tenho dinheiro, não tenho acesso. Então a minha primeira palavra de autoconhecimento tem a ver com essa falta de acesso, eu entendi que era pobre. Depois, antes de perceber que era trans, a ideia que veio foi: sou estranha em relação às outras identidades, não pertença; não sou muito boa em ser homem, mas aparentemente não sou mulher. Sou diferente. Então, sou pobre e sou diferente.

“O TEATRO DEVE SER UM LUGAR PERFORMATIVO EM ETERNA MUTAÇÃO”

Depois descobri o teatro. *Ah, sou performer.* Adoro, sou. E só depois entendi: sou travesti. É com esse somatório de descobertas que vou trabalhar as minhas autoficções.

Enquanto artista contemporânea pegando um texto clássico, me interessa dar uma bagunçada na história da arte. Me interessa trabalhar a crise imobiliária que está rolando em Lisboa. É caríssimo viver nesse país em relação ao salário, grande parte da nossa equipa está com problemas em ter acesso a moradia. É com isso que vou trabalhar, com estas questões básicas das nossas vivências. Precisamos de respeito, de trabalhos dignos, de políticas públicas hospitalares, de moradia, de uma alimentação decente, de um salário digno...

LT: E aí até a própria mulheridade é um eixo que atravessa todas essas experiências de uma forma muito particular.

TM: Uma coisa que me acompanha desde *Trypas Corassão* e que volta para essa peça, é que mesmo estando dissolvendo e desconstruindo narrativas óbvias sobre pessoas trans, eu dedico este espetáculo à minha mãe, que veio para Portugal e viveu 12 anos aqui, trabalhando por um salário mínimo enquanto empregada doméstica e que é uma mulheridade que me influencia muito. Foi ela que me deu carinho e uma base para eu trabalhar com dignidade, entendendo que sou potente.

Dedico o espetáculo a todas as pessoas trans, travestis e a todas as mulheridades dissidentes, às mulheres do campo, também aos homens do campo. Espero que esta seja uma história que fortaleça o povo pobre e que a minha linguagem consiga chegar não são só às pessoas académicas ou às que consomem arte, mas a todas as outras. Ninguém precisa de ter problemas de *Ai, nunca li As Três Irmãs*. Quero popularizar, tirar o sangue azul da história do teatro, quero que as personagens possam ser compreendidas por mais pessoas.

LT: Com esse objetivo em mente, como é que foi o processo da escolha do elenco? Vou nomear as pessoas, indicando os respetivos pronomes, porque acho importante: João Abreu, pessoa trans não binária, branca, portuguesa (ela-dela), Ivvi Romão, mulher trans, brasileira, negra (ela-dela), e Luan Okun, pessoa trans não binária, racializada enquanto negra no território Brasil (ele-dele).

TM: É importante realçar que as identidades estão sempre em movimento, temos de fortalecer a ideia de que transicionar não é sobre chegar a algum lugar, e sim, provavelmente, estar sempre em movimento. A primeira coisa que me interessa nesse elenco é a mistura das nossas histórias geográficas. É algo que já me interessava no *Outra Língua*, o espetáculo que me juntou com a Raquel André, Keli Freitas e Nádia Yracema, e que está muito presente neste espetáculo. Elas são irmãs, uma é portuguesa, duas são brasileiras, uma é branca, duas são pretas. Isso conta a história desse país, não preciso de procurar muito para demonstrar o quanto isso já está acontecendo, esses fluxos migratórios. Que a diferença seja encarada como algo extremamente poderoso. Que lindo que somos diferentes e que estamos ocupando o mesmo espaço! Para além disso, me interessa manter o nome da peça original, precisamente para que as pessoas vejam que essas três irmãs estão diferentes. Provavelmente, essas personagens eram cisgéneras, não eram personagens trans, acho que Tchekhov não teve esse olhar, então eu vim dar uma ajudinha e acho que Tchekhov está comigo e adorando! [risos]

LT: Muitas vezes, quando se fala de um clássico, pensamos num conceito de quase pureza. Agrada-te uma certa ideia de contaminação do clássico?

TM: Sinto que as pessoas acham que existe uma possibilidade de difamação elegante da obra, de que venho um pouco para destruí-la. O que tenho trabalhado com a Keli Freitas é



Exercício para Performers Mediocres © Gadutra

esse lugar de quebrar paradigmas sem medo, não precisamos de reler os clássicos sempre com pureza. Estou convidando Tchekhov para se emocionar comigo. Do mesmo jeito que convido pessoas trans para se comoverem comigo, também convido um homem branco para se emocionar com as nossas narrativas, e aí sim, pensamos numa contaminação. Se alguém disponibiliza o mínimo de tempo e de vontade para estar connosco, que se permita ser contaminada, do lado bom que essa palavra pode ter. Utilizo a palavra contaminação associada a algo que chega através dos nossos afetos. Que os nossos afetos, a nossa linguagem e o nosso amor se espalhem como um vírus.

LT: Li outra frase tua, que acho interessante, embora talvez não a consiga entender por completo, mas instiga-me: “Todo o mundo está em transição quando não se quer chegar em lugares óbvios”. Fugir ao óbvio é uma preocupação tua, não só nesta peça em particular, mas talvez na tua vida e em tudo o que fazes enquanto artista?

TM: Não, até porque na minha linguagem enquanto performer tenho trabalhado obviedades e isso não é um problema para mim. Quando digo essa frase, me interessa ampliar a ideia de transição para lá das narrativas trans. Era importante que as pessoas percebessem que a vida é um grande caminho a ser percorrido e não são apenas as pessoas trans que estão em transição. Acho que pode ser bom espalhar essa ideia, relembrar as pessoas que todas estão num processo. Novas pedagogias, trans pedagogias. Gosto da metáfora da borboleta para pessoas trans, mas me parece que pressupõe que tenha de se chegar em algum lugar, e esse lugar nem sempre me interessa. Todas as pessoas podem experimentar transicionar o pensamento, a aceitação do corpo. Juntando a história do teatro com as trans pedagogias, acho que é uma nova etapa para todo o mundo. Temos de assumir que o teatro deve ser

um lugar performativo em eterna mutação, que pode ser um lugar super potente para experimentarmos novas possibilidades. A história não é fixa, é só reabrir o livro, rasurar e escrever de novo. Está nas nossas mãos o poder da retificação. Vou citar uma frase bem bonita: “retificado seja o nosso nome”. Isso muda o fluxo da história. Nome é nome, “esse é o nome que eu te dei”, mas eu não escolhi! Retificado seja o nosso nome. Que haja um espaço de dignidade, onde possamos contar as nossas histórias.

LT: Tu aplicas às personagens precisamente essa ideia de transição, por exemplo, a personagem Olga foi escrita há mais de 100 anos e tem determinadas características, mas pode ser entendida enquanto personificação de alguns traços de personalidade e de experiências. Acho muito interessante a ideia de corporalizar uma transição de gênero numa ideia bem mais geral de transição, que atravessa todos os corpos ao longo do tempo.

TM: Dentro da ideia do teatro performativo, me interessa muito mais a história e a linguagem de cada uma das pessoas que vai interpretar a peça. Vou estar trabalhando com uma ideia de personagem intermédio, onde nada é totalmente fixo. O teatro nos permite uma abertura fenomenal. Onde é que se situa esta peça? Fala-se da Rússia, parece Brasil, mas é Portugal, em 2023, e isso é a possibilidade de um lugar cénico. Mesmo que seja um pouco abstrato, estou juntando peças que fazem surgir um novo lugar, a tal transição dos lugares geográficos. Pensando com os e as intérpretes, nada melhor para contar essas histórias do que a experiência subjetiva de Luan Okun, Ivvi Romão e João Abreu.

AGENDA A CENTRO

Espetáculo

AS TRÊS IRMÃS

19—20 MAI · Teatro Sá da Bandeira (Santarém)

Termino citando MC Carol, “minha fragilidade não diminui minha força”. Vamos estar trabalhando fragilidade e força, como se fossem a mesma palavra, para contarmos as nossas histórias sem medo. Deixaremos o medo para trás, algo que também nos foi imposto ao longo dos tempos, e trabalharemos a nossa presença, que é a grande forma de mostrarmos que estamos vivas e que não devemos nada a ninguém. Nos interessa muito o conceito de ternura radical, de emoção real.

É agora, citando a peça original, é importante trabalhar! [risos] Temos menos de mês e meio até à peça estreiar. Trabalharemos, amanhã, depois e depois!

A Bolsa Amélia Rey Colaço é uma bolsa de criação destinada a apoiar a produção de espetáculos de jovens artistas e companhias emergentes, com o intuito de promover a renovação da criação teatral portuguesa. É uma iniciativa do Teatro Nacional D. Maria II, A Oficina | Centro Cultural Vila Flor, O Espaço do Tempo e o Teatro Viriato, em homenagem ao papel pioneiro da atriz e encenadora Amélia Rey Colaço na História do Teatro Português.



A TURMA DE TEATRO ERA RUIDOSA PORQUE ERA SUPOSTO QUE O FOSSE POR ANDRÉ TECEDeiro

0
8

A cada edição do PANOS — palcos novos palavras novas, são encomendadas peças a três dos escritores mais empolgantes da atualidade. Nesta edição, Sandro William Junqueira lançou o desafio a André Tecedeiro (*O Ensaio*), Djaimilia Pereira de Almeida (*Irene*) e Ondjaki (*Dois pessoas & uma ilha sozinha*). Ao longo de quase um ano, os textos são trabalhados por jovens, para serem apresentados nas suas aldeias, vilas ou cidades. Seis desses espetáculos são selecionados para apresentação no Festival PANOS, em três dias de comemoração teatral, que este ano decorre entre 26 e 28 de maio, na Casa da Cultura de Ílhavo.

André Tecedeiro, escritor e artista plástico, lembra as suas primeiras experiências com teatro, enquanto conta os dias para ver aquilo que os participantes andam a “confeccionar com os ingredientes” que lhes foram dados.

With each edition of PANOS — palcos novos palavras novas, plays are commissioned from three of the most exciting writers of our time. In this edition, Sandro William Junqueira challenged André Tecedeiro (*O Ensaio*), Djaimilia Pereira de Almeida (*Irene*), and Ondjaki (*Dois pessoas & uma ilha sozinha*). Over almost a year, the texts are prepared by young people to be presented in their own villages, towns, or cities. Six of those performances are then selected to be presented at the Festival PANOS, in a three-day theatrical celebration which takes place between 26th and 28th May 2023 at Casa da Cultura de Ílhavo.

André Tecedeiro, a writer and visual artist, recalls his first experiences with theatre, while he counts the days to see what the participants are “cooking with the ingredients” they were given.

AGENDA A CENTRO

Festival

PANOS — PALCOS NOVOS PALAVRAS NOVAS

26-28 MAI · Casa da Cultura de Ílhavo e Fábrica das Ideias
(Gafanha da Nazaré)

Lançamento do livro

PANOS EDIÇÃO TNDM II

27 MAI · Casa da Cultura de Ílhavo



Fábrica de matar baleia, encenação Teatro do Desassossego de Estarreja
© Filipe Ferreira

Cresci no Alentejo alto e interior, numa cidade sem grande oferta cultural. Apesar disso, na minha escola havia a possibilidade de escolher teatro como área curricular. Também era possível escolher saúde, ciências e humanidades, mas estas opções pareciam-me aborrecidas quando comparadas com a perspetiva de ter aulas onde, pelo que ouvia na sala ao lado, se podia gritar, correr e bater com os pés.

A turma de teatro era ruidosa porque era suposto que o fosse. Ali podia-se fazer coisas que seriam inadmissíveis noutras disciplinas e eu não conseguia resistir a esse apelo. Para mim, se o programa é vestir roupa velha e espojar-me no chão, estou dentro. Nisso não mudei.

Foi assim que no 9.º ano fui parar à turma de teatro. Representámos *A ida ao Teatro e outros textos*, de Karl Valentin e foi-me atribuído um papel masculino, não porque eu o pedisse, mas porque o professor assim o entendeu.

No ano seguinte mudei de escola, mas continuei a fazer teatro como atividade extracurricular. Levámos à cena *O Horácio*, de Heiner Müller, um texto poderoso sobre justiça que, vinte e cinco anos depois, continua a ressoar na minha cabeça.

É curioso como os textos de teatro podem continuar a habitar a mente e o corpo de quem os representou. Como se quem lê, relê, decora, interpreta, fosse misturando com as suas próprias células, partículas dos textos (palavras, significados, ritmos, silêncios).



Bastidores do Festival PANOS 2022 © Ira Marconi

Nos anos seguintes habitei outros mundos. Estudei escultura e pintura, fiz exposições, passei por crises diversas, voltei à faculdade para estudar psicologia, mudei de nome, escrevi alguns livros. Nesses anos, no que respeita ao teatro, fui principalmente espectador. Um papel sem o qual o teatro não existe.

Em 2022, o Sandro William Junqueira convidou-me para escrever um texto para o PANOS — palcos novos palavras novas. Soube desde logo que iria escrever sobre identidade e expressão de género. Queria que a peça abrisse oportunidades para discutir estes temas nas escolas. Logo em novembro, durante o workshop com estudantes, encenadoras e encenadores no D. Maria II, percebi que este objetivo já estava de alguma forma a ser atingido.

Fazer teatro obriga-nos à mais atenta das leituras. Há que compreender o texto, perceber todos os seus sentidos, para os podermos esticar recorrendo à voz ou ao movimento. Estou curioso para saber o que estes grupos estarão a confeccionar com os ingredientes que lhes dei.

É um privilégio que *O Ensaio* seja representado por jovens atrizes e atores. Daqui a uns anos, algumas destas pessoas serão profissionais de teatro e muitas serão público. E todas se lembrarão ainda do PANOS, da sensação de pisar um palco e até de algumas falas.

MUITOS ATOS

POR LÉA PRISCA LÓPEZ

1
1

A Odisseia pelos olhos de quem está no terreno. Léa Prisca López, mediadora cultural da equipa do D. Maria II, é uma das responsáveis pelo acompanhamento do programa de participação Atos, nas regiões Norte e Centro do país. Apoia as estruturas artísticas, a organização local e os participantes das atividades em cada um dos territórios por onde está a passar a Odisseia Nacional. Desde janeiro que tem acompanhado de perto tudo aquilo que o Atos tem gerado. Um testemunho a partir de uma experiência única e irrepetível.

Odisseia as seen through the eyes of those in the field. Léa Prisca López, a cultural mediator with the D. Maria II team, is one of those responsible for monitoring the Atos participation programme in the Portuguese northern and central regions. She supports the artistic structures, the local organisation, and the participants of the activities in each of the territories through which the Odisseia Nacional is travelling. She has been closely following everything that Atos has generated since January. A report based on a unique and unrepeatable experience.



Carrazeda de Ansiães, As mãos da Maria, Lugar Específico © Léa Prisca López



Figueira da Foz, *Mil e uma noites*, Um Coletivo © Léa Prisca López



Paredes de Coura, *Cartografia dos Desejos*, Pele © Léa Prisca López

Em janeiro, quando embarquei na Odisseia Nacional com destino ao Atos, em Lamego, o carro de aluguer era quase novo, marcava 4250 quilómetros. Ao escrever agora, três meses depois, apercebo-me que percorri 12292 quilómetros no Norte do país e no início da região Centro, sempre com destino à mediação dos projetos do Atos nos territórios. Para alguns camionistas pode parecer pouco, mas para mim esta distância equivale ao que percorri no último ano com o meu carro! E como não sou camionista, sou mediadora, vou parar de falar de quilómetros e tentar explicar o que fazemos por cá, ali e acolá.

MEDIAÇÃO CULTURAL

Na Odisseia, como mediadora cultural, a minha missão é apoiar e acompanhar a interligação entre todas as pessoas e as instituições nos territórios, no limite do tempo definido. Acompanho os funcionários das câmaras, os participantes, coletividades ou individualidades, e as estruturas artísticas que, num primeiro momento, exploram os territórios e as suas identidades, encontram as pessoas e, num segundo momento, os desafiam com as suas ferramentas artísticas, num projeto artístico participativo de curta duração. No caso do Atos, acontece uma coisa excepcional a nível da mediação cultural, pela diversidade dos agentes envolvidos. É um programa complexo, não só pela quantidade de projetos, mas porque torna tudo muito vivo e muito alerta, por ser um trabalho de proximidade, onde os artistas ativam o potencial criativo dos participantes.

TEMPO

Usando uma referência teatral, metaforicamente, o sucesso do Atos depende da implicação conceptual e afetiva de todos os atores nas diversas cenas. Cada cena implica elementos físicos: o local, o território, o município e as suas gentes, e elementos de representação dramática que dizem respeito à ação, ao movimento, ao diálogo, onde residem os nossos intervenientes: as estruturas artísticas. Tudo isto é ritmado com as dimensões do tempo: passado, presente e futuro. Um tempo também ele plural. É aqui que reside a principal dificuldade do Atos e prende-se com a duração do presente. Como todas as condicionantes, tem de ser tido em conta, para, de forma ciente, entendermos como este presente poderá ter impacto no futuro dos participantes dos projetos. A meu ver, o Atos prepara o território, numa escala excepcionalmente nacional, para a chegada de novos projetos de maior duração e de cocriação.

PESSOAS

Sejamos sinceros, esta duração do tempo presente parece curta, porque inerente aos seres curiosos existe uma sede insaciável de conhecer os nomes. Os nomes das paisagens, dos patrimónios, das pessoas. Saber o nome é saber dar valor, é reconhecer. Sinto-me útil, porque conheço os nomes. Sei que a minha memória não tem espaço para tanta gente boa e tantas boas ideias. Fecho os olhos e lembro-me, de repente...

Do sorriso da Lúcia, de Vila Real, a cantar, e o olhar da Isabel, que nunca tinha feito nada ligado às artes e que um dia, a conduzir, cansada dos relatos das cheias de Lisboa, mudou para a rádio local e ouviu, pela voz entusiasta da Mia (de Lordelo), a chamada à participação para a Odisseia Nacional com a Ondamarela.

Em Lamego, vejo-a como se ela ainda estivesse à minha frente, a inquietude da jovem Joana a sentir a urgência e a violência das perguntas, na *Assembleia*, da Amarelo Silvestre.

Guardo comigo o atrevimento inesperado do Hugo, criança irrequieta quando disse “eu quero”, quando foi pedido pela Pele voluntários para a leitura do texto produzido sobre os desejos, em Paredes de Coura. O timbre excepcional da Vera, que disse que nunca tinha feito nada tão bom como manobrar as marionetas e pô-las em cena com a Limite Zero, em Torre de Moncorvo.

O fantástico poder cómico do Gabriel e da Karima, membros do Teatro Amador de Pombal (TAP) que acolheu a Limite Zero no seu espaço *bunker* ou quase.

Os 22 anos do Pedro, em Santa Maria da Feira, que estava triste porque os Guarda Rios iam embora e queria fazer parte de mais projetos assim. Entre muitos outros... muitos mesmo.

Também guardo as lágrimas da Ana e da Maria João, o suspiro de alívio do Raúl, do Francisco, a fala tremida do Fernando, o espanto da Susana, o sorriso emocionado do Ricardo, da Lais, da Sara, do Simão, as conversas com todos eles sobre o tempo, sobre a urgência do questionamento, sobre a carência e o afastamento que a pandemia deixou em muitas comunidades, sobre o quanto este trabalho de mediação é importante. É aqui que fico mais séria. É também aqui que me sinto útil e quando sou útil sinto-me mais viva.

IKIGAI

Todos precisamos de nos sentirmos úteis. O *ikigai* significa, na cultura japonesa de Okinawa, “razão de viver”, “objeto de prazer para viver” ou “força motriz para viver”, para que cada pessoa encontre a combinação entre a sua missão, paixão, vocação e profissão para encontrar o equilíbrio. Encontrar a nossa missão é encontrarmos aquilo em que somos úteis no “mundo”. A meu ver, o D. Maria II procura com este Atos corajoso, honrar o seu estatuto de utilidade pública para chegar a uma maior parcela da sociedade portuguesa. *Et moi pour l'effort et l'audace, je tire mon chapeau!**

*E eu, pelo esforço e pela ousadia, tiro-lhe o chapéu!

O programa Atos da Odisseia Nacional é uma iniciativa do Teatro Nacional D. Maria II, em parceria com a Fundação Calouste Gulbenkian.

ZIA SOARES E DJAIMILIA PEREIRA
DE ALMEIDA

AS REVELAÇÕES DE «PÉROLA SEM RAPARIGA» POR CLÁUDIA LOMBA

1
4

Num radiante dia de primavera, duas criadoras aceitam um convite para conversar sobre o seu próximo espetáculo, *Pérola Sem Rapariga*. Alertam, no entanto, que “os ensaios começaram mesmo agora” e que a peça está a ser construída à medida que o processo criativo avança. Sem quererem “revelar demasiado”, falam de algumas ideias que estão a ganhar forma, num entusiasmo contagiante. Para Zia Soares e Djaimilia Pereira de Almeida, trabalharem juntas numa obra inédita é motivo de grande alegria. O que é que podemos saber sobre *Pérola Sem Rapariga*? Que vai desafiar os nossos modos de olhar. Nem tudo o que parece é — há muito para lá da superfície.

On a radiant Spring day, two creators accept an invitation to talk about their next show, *Pérola Sem Rapariga*. They alert us, however, that “rehearsals have just started”, and that the play is being built as the creative process progresses. Not wanting to “reveal too much”, they talk with contagious enthusiasm about some ideas that are taking shape. For Zia Soares and Djaimilia Pereira de Almeida, working together on a brand new piece is a source of great joy. What can we know about *Pérola Sem Rapariga*? Well, that it will challenge the way we see things. Not everything is what it seems to be — there's a lot more to it than meets the eye.

AGENDA A CENTRO

Espectáculo

PÉROLA SEM RAPARIGA

2 JUN · Cine-Teatro São Pedro (Alcanena)

9 JUN · Casa da Criatividade (São João da Madeira)

O TEMPO COMEÇA A CONTAR HOJE

Zia e Djaimilia acreditam que o teatro deve gerar ideias e que cabe ao espectador partir para outras descobertas e reflexões. Preferem lançar perguntas em vez de criarem respostas.

Zia Soares, encenadora, atriz, cofundadora e diretora artística do Teatro Griot — a primeira mulher negra com o cargo de direção artística de uma companhia de teatro em Portugal — tem desenvolvido um trabalho a partir da tensão entre corpo e território, memória coletiva e memória individual, questionando a univocidade da história como possível reinvenção do futuro.

Djaimilia Pereira de Almeida, escritora, tem dado vida a múltiplas e variadas personagens, criando mundos de possibilidades: desde Mila, a protagonista de *Esse Cabelo* (2015), uma jovem mulher à procura do seu lugar no mundo, a Celestino, o ex-capitão de um navio negreiro que se dedica à botânica e à jardinagem na reforma, em *A Visão das Plantas* (2019), ou Vera, mãe de Mariana, filha que apenas existe nos seus sonhos, que conhecemos em *Ferry* (2022), entre muitas outras.

Em *Pérola Sem Rapariga*, as criadoras cruzam caminhos e experiências, sem partirem de um texto base ou de uma estrutura pré-definida. “Queremos fazer uma obra original, inédita, que se construa à medida que vamos avançando no processo criativo”, afirma Zia. “Interessamo-nos por trabalhar uma com a outra porque havia um histórico, tanto num caso como no outro. No entanto, decidimos trabalhar juntas começando num ponto em que esse histórico desaparece, portanto, o tempo começa a contar hoje”, reforça Djaimilia.

O tempo criativo começa agora também com a restante equipa artística, que reúne intérpretes e criadores ligados às artes visuais, “todos muito interessados no trabalho uns dos outros, o que faz com que haja a certeza que é um projeto que vai ter um caminho interessante para toda as pessoas envolvidas”, refere Zia. Às atrizes Filipa Bossuet e Sara Fonseca da Graça, junta-se Kiluanji Kia Henda, que produzirá obras originais para o espetáculo, a instalação e figurinos estão a cargo de Neusa Trovoada, a composição e design de som será assinada por Xullaji e o design de iluminação é da autoria de Carolina Caramelo. O texto é de Djaimilia Pereira de Almeida e a direção e encenação de Zia Soares.

Durante aproximadamente cinco anos, uma escritora mergulha numa extensa pesquisa: recolhe títulos, entradas de catálogos e descrições de exposições de objetos de arte ocidentais, nos quais estão presentes figuras femininas negras. Começa por analisar registos em documentação atual, até perscrutar cada vez mais o passado. Apercebe-se que as mulheres negras são frequentemente retratadas em posições subservientes ou como artefactos de curiosidade. “Há quanto tempo andamos a fazer isto?” A pergunta vai levá-la até referências que remontam à pré-história, 38 mil anos a.C., onde vai encontrar formas padronizadas e estereotipadas de apresentar e de representar, de descrever e de catalogar. Com o material recolhido — títulos, legendas, descrições — a escritora vai criar uma poderosa coleção de poemas. Esta é a história por detrás do livro *The Voyage of The Sable Venus and Other Poems* (2015), da poeta americana Robin Coste Lewis, que apresenta e, de certa forma, analisa, num registo poético, o lugar do corpo feminino negro na história da arte ocidental.

Djaimilia Pereira de Almeida, nas primeiras conversas com Zia Soares, partilhou o fascínio que este livro lhe despertava.

— “Estávamos naquela altura de pandemia e eu, que sou assim um bocadinho atrevida, escrevi à Zia uma espécie de carta de fã [risos]. Gosto muito do trabalho dela e então resolvi escrever-lhe um e-mail a dizer isso mesmo.”

— “Pois foi, foi tão bonito, gostei tanto!”

— “A Zia respondeu-me, começamos a conversar e aqui estamos nós.”

A admiração é mútua.

— “Gosto tanto do trabalho da Djaimilia, e como ela também tinha interesse pelo meu, achamos que podíamos juntar-nos e fazer um projeto”, acrescenta Zia.

Depois de várias trocas de ideias e de referências, aperceberam-se que havia pontos de partida que ambas consideravam desafiantes. Foi assim que surgiu *DÍPTICO*, um projeto composto por duas criações originais. A primeira é *Pérola Sem Rapariga*, e a segunda, ainda sem título, terá como base o livro *As Telefones*, que Djaimilia publicou em 2020.

Para além de *The Voyage of The Sable Venus and Other Poems*, outra das referências criativas para *Pérola Sem Rapariga* é o arquivo do alemão Alberto Henschel, um dos fotógrafos mais relevantes da segunda metade do século XIX, no Brasil, que foi responsável pela captação de uma vasta série de retratos de africanos e afro-descendentes.

Apesar de terem um papel importante, Djaimilia explica que não estão “de maneira nenhuma” presas apenas a estas referências: “É como se tivéssemos um mapa, uma espécie de parede na qual várias coisas estão pregadas: esse livro, outro livro, várias imagens, diversos elementos”.

VER PARA ALÉM DA SUPERFÍCIE DO CORPO

“Há questões que nos interessam muito, como é o caso da noção do olhar: quem é que olha, a partir de onde é que olha, ser olhado, a questão das insurreições sobre os olhares”, revela Zia. O espetáculo partirá de imagens, retratos e outras representações visuais, para explorar questões como a relação entre legenda e imagem, modos de representação, mais ou menos opressivos, formas de ver para além da superfície de um corpo. Para as criadoras, estão em discussão todas as formas de aprisionamento dentro de certos sistemas, que são extrínsecos às pessoas visadas pelas obras. “Gosto da ideia de poder pôr esses sistemas em questão, em dúvida, e até virar-me contra eles”, afirma Djaimilia. Zia acrescenta: “Interessa-nos subverter aquilo que uma parte da história nos mostrou o que é a legenda. Há várias legendas possíveis e que vamos trazer aqui são outras legendagens, ou até a impossibilidade de legendar”.



Djaimilia Pereira de Almeida © Humberto Brito

Zia Soares © Estelle Valente

TERCEIRA PESSOA

«OS IDIOTAS» OU TALVEZ SEJAM SÓ FELIZES

POR MARIA INÊS SANTOS

1

6

O teatro só não é para todos se não formos muitos a falar nisso. Em 2011, Ana Gil e Nuno Leão convocaram jovens de Castelo Branco para criar e interpretar um espetáculo inspirado na história de Kurt Cobain. Tresandou a espírito jovem e, de repente e por contágio, ali estavam eles, os seus familiares e amigos, uma comunidade pequena, mas inteira, à espera de ser, mais que entretida, desafiada a pensar e a fazer. A partir desse desejo surgiu, em 2012, a Terceira Pessoa, estrutura que desenvolve projetos artísticos nas muitas artes performativas, tirando partido dos inúmeros benefícios do seu cruzamento. Nos últimos 12 anos, aos agora adultos da primeira criação, somaram-se centenas de pessoas que descobriram que o mais importante no ato corajoso e impreterível de construir um objeto artístico é estar no sítio certo. Começou por ser ali, em plena Beira Baixa, o lugar onde tudo permanece, mas o caminho é maior e passa sempre pelo desconhecido que é, como se sabe, um percurso difícil de medir. Porque o único fim — e simultaneamente o princípio — é o outro. Na Odisseia Nacional, a Terceira Pessoa apresenta *Os Idiotas*, espetáculo que reflete, através do teatro, sobre o próprio teatro e, neste caso específico, sobre o trabalho do ator. A Ítaca convidou Maria Inês Santos, editora de conteúdos no 23 Milhas (Ílhavo), para fazer este retrato da estrutura sediada em Alcains, Castelo Branco.

The only way theatre isn't for everyone is if there aren't many of us talking about it. In 2011, Ana Gil and Nuno Leão summoned young people from Castelo Branco to create and perform a show inspired by the story of Kurt Cobain. It reeked of youthful spirit and, suddenly and as if caught by contagion, there they were, their families, and friends, a small but whole community waiting to be not only entertained, but challenged to think and make. Out of this aspiration came, in 2012, Terceira Pessoa, a structure that develops artistic projects in the various performing arts taking advantage of the countless benefits of their intersection. In the last 12 years, the now adults of the first creation have been joined by hundreds of people who have discovered that the most important thing in the brave and essential act of constructing an artistic object is to be in the right place. It started there, in the heart of the Beira Baixa region, the place where everything remains, but the journey is longer and always includes the unknown, which as we know is a difficult path to measure. Because the only end — and at the same time the beginning — is the other. In Odisseia Nacional, Terceira Pessoa presents *Os Idiotas*, a play that through theatre reflects on theatre itself and, in this specific case, on the actor's work.

*I think I'm dumb / or maybe I'm just happy / think I'm just happy
(acho que sou idiota / ou talvez seja só feliz / acho que sou só feliz)*

Na canção *Dumb*, sexta faixa do disco *In Utero* (1993) dos Nirvana, Kurt Cobain não sabe se é idiota ou se está feliz. É fácil confundir as causas quando os sintomas são de euforia. Nestas páginas, e à luz do espetáculo *Os Idiotas*, integrado na Odisseia Nacional, entendemos que ser idiota é ser um indivíduo comum ou, quanto muito, um “leigo em determinada profissão”.

Longe de serem leigos no tema que os leva a palco, no dia 26 de maio, em Ourém, Ana Gil, Nuno Leão e Óscar Silva conheceram-se na Licenciatura em Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e assumem, atualmente, a direção artística da Terceira Pessoa. Ana, que fundou a estrutura em 2012, em conjunto com Nuno, nasceu a mais de 300 quilómetros de Castelo Branco, em Vila Nova de Famalicão. É atriz, professora de expressão dramática e criadora. Nuno é artista, ator, encenador e professor de teatro. Óscar é ator e performer e foi o último a juntar-se ao coletivo, embora colaborasse, enquanto artista independente, desde 2016.

Em 2011, ainda antes de surgir a associação, e de ser evidente a sua necessidade, Ana e Nuno desafiaram um grupo de 13 jovens, dos 13 aos 18 anos, de Castelo Branco, a cocriarem e interpretarem o projeto *Kurt Cobain*, em que desenvolveram um trabalho participativo cujo desafio era refletir sobre a figura do vocalista, que embora uma referência na adolescência de Ana e Nuno, tinha um eco menos evidente naqueles adolescentes. A ideia do projeto era, precisamente, que esse desencontro de gerações, esse distanciamento do endeusamento do ícone, ou até o seu possível anonimato para eles, fosse um estímulo para a materialização de algo que o próprio artista ambicionava: “ser um Kurt Cobain qualquer”. Um idiota feliz.

Depois da estreia do espetáculo, que esgotou o Cine-Teatro Avenida de Castelo Branco, o impacto do projeto foi evidente e percecionado pela comunidade como o início de algo que não existia até então: a realização da possibilidade de integrar pessoas fora do meio artístico em processos de criação. A partir dessa manifestação de curiosidade, e da inevitabilidade de dar continuidade ao processo, surgiu a Terceira Pessoa, para “dar conta do recado”, garante Nuno: “Essa massa de gente fervorosa que tinha vontade e necessidade de fazer parte de um projeto desta natureza implicava uma dedicação completa a esse processo, por um lado, e uma estrutura que permitisse uma perspetiva de futuro e compromisso com as pessoas, por outro”. Também por isso foi fundamental mudarem-se, ele e Ana, para Castelo Branco, para efetivar uma relação permanente com as pessoas e o território, que eram, e são ainda, os seus grandes instrumentos de trabalho. Ana assume que, tantos anos depois, o momento em que alguém não artista percebe que pode participar num espetáculo desde a sua conceção até à sua apresentação ainda é “uma coisa muito avassaladora e bonita porque as pessoas não consideram que isto é algo que pode fazer parte da vida delas e depois cruzam-se com isto, que é criar, e que é uma coisa muito potente”.

Terceira Pessoa não é, evidentemente, um nome inocente. A estrutura é profundamente marcada pela chegada do e ao outro, pelo público, pela comunidade, por uma terceira pessoa, esses inicialmente vagos ele e ela e eles e elas que, rapidamente, se transformam na primeira pessoa do plural: nós. E nesse nós, a estrutura desata-se pelo país para caberem cada vez mais. Apesar de continuarem sediados e habitantes de Alcains, uma vila com pouco mais de quatro mil habitantes perto de Castelo Branco, a Terceira Pessoa de 2023 é de muitos lugares. Nos primeiros anos, resumiu a sua atividade a freguesias e cidades próximas, como a Guarda, o Fundão ou a Covilhã, mas sentiu necessidade de se tornar mais múltipla e plural na forma como opera nas várias disciplinas artísticas — tem desenvolvido projetos que vão



Ana Gil e Nuno Leão, fundadores da Terceira Pessoa © Tiago Moura

AGENDA A CENTRO

Espetáculo

OS IDIOTAS

- 26 MAI · Teatro Municipal de Ourém
- 2 JUN · Centro Cultural do Cartaxo
- 10 JUN · Centro Cultural de Celorico da Beira
- 16 JUN · Teatro Viriato (Viseu)

desde teatro a cinema, fotografia a música, incluindo projetos comunitários e educativos — e partiu para outros pontos do território nacional, mas também do internacional, para ouvir e conhecer outras vozes e olhares sobre o mundo.

Na Odisseia Nacional, a Terceira Pessoa apresenta a última criação de uma tetralogia que começou com o espetáculo *The old image of being loved* e culmina com *Os Idiotas*, num projeto de oito anos “em torno do processo teatral, que põe em causa uma ideia normativa, orgânica ou meramente funcional de teatro”. Óscar Silva acrescenta que neste espetáculo, com texto de Miguel Castro Caldas, se vai “abordar o fenómeno teatral sob vários pontos de vista básicos, basilares, convencionais, isolando conceitos como público, texto ou técnica e colocando o foco na interpretação, no trabalho do ator”.

E depois disto, o futuro? Ana entrega a questão a Nuno. O futuro é assustador o suficiente para passar a bola. Nuno Leão pega: “Castelo Branco é o epicentro da nossa atividade e, por muito que cavalguemos outros territórios, o ponto de partida e o futuro estão ali”. O futuro não se circunscreve ao trabalho comunitário como quando a estrutura nasceu, é o que parece, visto daqui. As coisas mudaram, é certo. Já não estão a reunir grupos de teatro e a criar espetáculos anualmente. Criaram ciclos de programação temáticos, comunidades específicas de pensamento e crítica — não só em Castelo Branco, mas também nos territórios vizinhos — existe um trabalho de mediação e de implicação das pessoas, a longo prazo, que as coloca a refletir sobre tudo o que vai acontecendo culturalmente na região e há, sobretudo, um alargamento geográfico e estrutural que procuram perpetuar porque aquilo de que gostam, os três, é dessa sensação de percurso. De ir indo. Sobretudo se forem dar a um sítio que não conhecem.

O desconhecido entusiasma-os. É, aliás, como tudo aquilo que fazem: algo entre a felicidade e o risco. Não conhecer uma coisa antes de a fazer, antes de ir, antes de a tocar, antes dela existir, sequer, é o que motiva a ida. Quando

pedimos histórias para a viagem, Ana lembra um trabalho com os reclusos e as reclusas do estabelecimento prisional da Guarda, mas também todo o *feedback* das pessoas com quem têm trabalhado durante estes anos e que dizem, dizem sempre, que nunca imaginaram que isto fosse possível para elas. Para essas pessoas, o desconhecido era o trabalho de criar, encenar, interpretar. A realidade estar, afinal, tão próxima da ficção. No fundo, o que se explora em *Os Idiotas*. É fácil de confundir as coisas, sim, mas Kurt, eles estão só felizes.



Espetáculo *Da Minha Aldeia* © Tiago Moura



Espetáculo *Kurt Cobain* © Afonso Fontão



JOÃO NUNES MONTEIRO

“O PENSAMENTO CRÍTICO É IMPORTANTE, SEJA NA RUA, SEJA NO TRABALHO”

CONVERSA COM CATARINA REQUEIJO

Pensámos que esta seria uma entrevista ao ator João Nunes Monteiro conduzida pela “entrevistadora convidada” Catarina Requeijo, também atriz e encenadora. Acabámos com uma conversa de café entre dois amigos em que, por entre risos e cumplicidades, se fala de teatro, do território português, de precariedade, de igualdade de oportunidades. Apesar de já terem trabalhado juntos, na Odisseia Nacional cada um segue um caminho paralelo. João é intérprete no espetáculo *Nau Nau Maria*, de Alice Azevedo. Catarina encena o espetáculo para crianças *Falas Estranhês?* A conversa convida a puxar uma cadeira e a juntarmo-nos à mesa daquela esplanada no jardim.

We thought this would be an interview with actor João Nunes Monteiro conducted by the “guest interviewer” Catarina Requeijo, an actress herself, as well as a director. Instead, it ended up as a chat over coffee between two friends who, amid laughter and closeness, talk about theatre, the Portuguese territory, job insecurity, and equality of opportunity. Although they have worked together before, in Odisseia Nacional each one follows a parallel path. João is the interpreter in the play *Nau Nau Maria*, by Alice Azevedo. Catarina directs the children's show *Falas Estranhês?* The conversation invites us to pull up a chair and join them at the table on that garden terrace.

2
1

PRIMEIRA PESSOA

Catarina Requeijo: Estou nervosa porque esta é a minha primeira entrevista como entrevistadora.

João Nunes Monteiro: Eu já nasci nervoso, como sabes. Portanto, está ótimo.

CR: Começaste cedo a dar entrevistas e já deste muitas. Quando é que foste mais requisitado?

JNM: Muitas, muitas, não [risos]. Deve ter sido no ano passado quando fui nomeado *European Shooting Star*.

CR: Mas começou no [filme] *Mosquito*, não? O teu trabalho com mais visibilidade.

JNM: Sim, com mais exposição mediática, a quererem saber quem é esta criatura e o que é que tem para dizer.

CR: E tu a pensar: *já fiz o meu trabalho e ainda tenho de falar sobre ele?*

JNM: Sim... E será que sei falar sobre ele? Espero que o trabalho valha por si. Falar sobre ele acrescenta, mas será que acrescenta coisas boas?

CR: Agora fizeste-me lembrar das conversas após os espetáculos. A mim acontece-me, às vezes, querer que o público saia e pronto. Percebo que são importantes, mas também gostava que não acontecessem.

JNM: Sim, é um espaço comunitário que ali acontece. De discussão, de reflexão. Mas também há este sítio individual de reflexão que acho muito bonito. A pessoa fica com as perguntas ou as respostas que encontrou e tem de lidar com elas. Sem um guia para uma conclusão. Estou a pensar em espetáculos que mexem connosco e que nos destabilizam naquilo que pensamos ou acreditamos. Como é esse regresso a casa completamente solitário? Ou chegar a casa e ligar a alguém que não viu o espetáculo para passar a ser o meu testemunho

perante aquele objeto que lança uma discussão. E, depois, dormir um bocadinho mais confortável.

CR: Ou então encontrar alguém no dia seguinte que viu o mesmo espetáculo e aí já estamos em condições de conversar. Mas tenho muitas dúvidas sobre esses momentos porque também acho que têm um lado positivo.

JNM: Sim, especialmente o lado do coletivo e da partilha. Se o pudermos fazer, é muito bonito. Mas, se calhar, também nos arriscamos a ficar com demasiadas certezas.

CR: No espetáculo *Nau Nau Maria*, com direção de Alice Azevedo, e que está inserido na Odisseia Nacional, fazem alguma conversa no final?

JNM: Sim, em todas as sessões, quer as do público escolar quer as do público geral. É a Alice Azevedo que faz a conversa final, moderada pela Mariana Gomes. Depois, são-nos relatadas uma série de coisas preciosas. Às vezes, fico a sonhar com aquilo que não é dito [risos].

CR: É diferente conversar com uma pessoa que não esteve em palco o tempo todo ou conversar com os intérpretes que acabámos de ver. Por alguma razão a Alice terá feito essa escolha. Eu também já trabalhei assim: a fazer eu a conversa e os intérpretes não. Que vantagem existe em não estarem lá os intérpretes?

JNM: Acho que muita, porque a pessoa que assume a direção do espetáculo pode falar sobre o seu próprio objeto. E não o ator, que pode não ter tanta consciência ou conhecimento do mesmo.

CR: Nós, enquanto intérpretes, também somos titulares dos objetos?

JNM: Somos, mas estamos mais limitados.



João Nunes Monteiro e Cire Ndiaye em *Nau Nau Maria* © Filipe Ferreira

CR: A consciência sobre o que se está a dizer ou a fazer em palco é algo que compete só a quem dirige o espetáculo ou os intérpretes devem ter noção da implicação daquilo que estão a fazer?

JNM: Acho que devem. O pensamento crítico é importante, seja na rua, seja no trabalho. Demitirmo-nos de qualquer tipo de responsabilidade ou de pensamento sobre a direção de alguém não me parece muito proveitoso. Se podem três cabeças pensar, por que não usar esse espólio intelectual?

CR: Depois há uma decisão final, um processo de escolha que compete a uma das pessoas (nos casos em que não são criações coletivas).

JNM: Sim, e que depois faz parte do nosso trabalho confiar nessas escolhas.

CR: Perguntei isto porque há um momento do espetáculo *Nau Nau Maria* em que a tua personagem diz “Eu já estou um bocado desconfortável”. Conheço-te e imagino-te a dizer isso num ensaio. Fazes esse questionamento a ti próprio durante os processos?

JNM: Sim, tento fazê-lo. Qualquer processo de trabalho é uma oportunidade quer de aprendizagem quer de reflexão. Tenho tido a sorte de trabalhar com algumas pessoas (incluindo contigo) que falam muito desta questão de olharmos para os nossos preconceitos. Seja em que campo for. Parece-me sempre mais problemático se não estiver a ficar desconfortável.

CR: Achas que esse questionamento, essa consciência, mesmo num trabalho mais *mainstream* como a televisão, é importante?

JNM: Sim, sobretudo quando o alcance é maior. Se estou num formato que chega a muitas pessoas, percebo esse alcance. Nesta Odisseia Nacional, sente-se o poder que a televisão tem em muitos dos locais por onde passamos. Um poder transformador, até.

CR: Mas nesses formatos é mais difícil combater alguns estereótipos, não? Até porque têm um objetivo comercial.

JNM: Tem uma velocidade que não permite muitas vezes uma grande discussão. Mas ainda assim...

CR: Às vezes mudar uma palavra ajuda...

JNM: A mim parece-me que é melhor que nada. É melhor do que dizer, *eu demito-me porque não são as minhas palavras, não fui eu que escrevi e não sou eu que estou a assinar o projeto*. Mas reconheço que, por vezes, também me demito, podia ir mais longe e agir com ainda mais consciência.

CR: Nesta digressão da Odisseia Nacional, o espetáculo é apresentado em alguns territórios onde há bastante menos oferta cultural, e que as pessoas te conhecem da novela [*Quero é Viver*]. Achas que isso influencia a maneira como veem o *Nau Nau Maria*?

JNM: [risos] Isto é uma projeção minha, mas espero cair no esquecimento ao longo desta Odisseia Nacional. Se agora sinto que as pessoas têm o meu trabalho na novela bastante presente, acho que isso se vai diluir com o tempo [a emissão terminou em meados de março de 2023]. Só espero que não seja um motivo de distração [risos].

CR: Apresentar espetáculos fora de Lisboa não é uma novidade para ti. Fizeste muita digressão com outros encenadores e sei que é algo que consideras importante. Em que é que esta Odisseia torna isso diferente?



João Nunes Monteiro e Catarina Requeijo à conversa no Jardim da Cerca da Graça, Lisboa

JNM: Nunca tinha ido a estas localidades [Torre de Moncorvo e Mirandela]. Ainda é difícil fazer esta previsão, mas gostava de perceber que preconceitos estarei eu a desconstruir neste movimento de estar noutras partes do país.

CR: E não é preconceito nosso achar que as pessoas de outras zonas do país têm preconceitos que em Lisboa não existem?

JNM: Acho que sim, por isso é que estou a falar dos meus. Todos nós temos um imaginário de como é que são as pessoas que habitam o chamado interior do país, de que forma é que veem o mundo. Fazemos esta projeção na oferta cultural de que dispõem, quando existem muitos objetos artísticos que são consumidos transversalmente. O que não existe tanto é uma democratização da oferta cultural. Em Lisboa, tenho acesso a espaços e objetos culturais que estas pessoas não têm.

CR: Não têm, têm outros. Mas merecem ter estes também. Acho que a diferença aqui é também estar inserido num programa que não é só a oferta de espetáculos que conta. Há uma série de outras ações que acontecem paralelamente nesta Odisseia que fortalecem este princípio. Isto não é Lisboa a ir mostrar como se faz [risos], e isso é interessante. O que achas que pode e deve mudar quer no D. Maria II quer nos espaços do país tocados por esta proposta?

JNM: Depois desta viagem acredito que ninguém fique igual. É estranho estarmos a falar em "nós" e "eles". Neste momento, é essa a ideia com que estou mais em conflito quando penso nesta Odisseia Nacional.

CR: Porque partiu de um centro para um movimento periférico. Se o projeto fosse mais longo passávamos a ser todos "nós" rapidamente. O que tem de acontecer para este programa deixar uma semente?

JNM: Essa pergunta é difícil... Um investimento claro na cultura e uma aposta nos objetos artísticos. As pessoas com quem falámos sentem-se privilegiadas por terem assistido aos espetáculos e terem participado nas atividades. Portanto, é continuar a oferecer isto e criar estruturas autónomas para conseguirem produzir de forma independente.

CR: Achas que nos territórios por onde passaste as estruturas são autónomas, têm dinheiro suficiente e condições para continuarem a fazer este trabalho?

JNM: Parece-me que não e que é ainda difícil criar esta relação política com a oferta e fruição cultural. Mas tu estás também nesta viagem, Catarina, e nasceste em Lamego. Fico a pensar se, por essa razão, percebes melhor este tipo de territórios.

CR: Ahhh! [risos] Sim, acho que sim.

JNM: Viveste lá até aos 18 anos?

CR: 17. Não tenho nenhuma relação especial com Lamego. Aliás, nunca consegui apresentar lá um espetáculo [risos]. Mas acho que consigo ver esta questão de uma maneira diferente da tua. Porque és 20 anos mais novo e cresces numa altura em que a oferta é mais acessível. Mesmo que crescesses como eu em Lamego terias outro acesso às coisas. De facto, cresci sem oferta cultural. Por exemplo, nunca vi teatro, apesar de haver um teatro muito bonito em Lamego [Teatro Ribeiro Conceição]. Não havia cinema, as exposições eram as permanentes do museu, conhecia de cor as tapeçarias do Édipo [Tapeçarias Flamengas do Museu de Lamego], que eram muito interessantes e que me fizeram ter um grande entusiasmo pelos gregos. Mas cresci num sítio sem oferta. E isto leva-me a outra questão: oferecemos cultura aos mais novos porque temos a expectativa de que eles venham a ser espectadores no futuro?

JNM: Eu acho que é também por isso. A partir do momento em que conheces, és livre de querer ou não. Mas é preciso que isso esteja lá.

CR: Fizeste comigo um espetáculo para crianças dos três aos seis anos. Imagina que vais falar com elas hoje, terão oito, e já se esqueceram de tudo. Vale a pena usar dinheiros públicos para fazer espetáculos para pessoas que depois se esquecem?

JNM: [risos] Acho que sim! A memória é traiçoeira e nem sempre aquilo que nos lembramos são as melhores experiências. Há um valor nessa inutilidade, se quiseres.

CR: E porque essas pessoas têm um direito constitucional. Isso para mim basta.

JNM: Sim, é um direito das pessoas essa fruição artística. Portanto, quando reclamamos por mais apoios para a cultura estamos a reclamar pelas pessoas o direito de poderem tanto ligar a televisão como aceder à *Netflix*, ir a um museu, ir ao teatro...

CR: Ter uma banda na aldeia, tudo isso.

JNM: E não esqueçamos que as artes performativas são experiências coletivas, Por vezes, somos induzidos a pensar que isso não tem importância ou não é necessário.

CR: Mas, por exemplo, na pandemia, podíamos ver espetáculos individualmente. Muita gente que vive fora de Lisboa disse que finalmente teve acesso aos produtos que são feitos na capital. Era uma experiência mais democrática, mas perdia-se esse lado.

JNM: Verdade, e isso é maravilhoso. Mas perdias esta realidade coletiva, as conversas informais, a tensão de quando um intérprete olha para ti ou passa pelo meio da plateia.

CR: E sentes uma corrente de ar...

JNM: Sim! Ou o auditório está muito quente!

CR: Ou as cadeiras são muito desconfortáveis! Tudo isso são experiências que se vivem com o corpo todo, não é? Com isto percebe-se que vês muitos espetáculos, mas também vês muito cinema, lês imenso e tens muitos pensamentos sobre



Catarina Requeijo em *A Grande Corrida* © Filipe Figueiredo

muitos assuntos que te interessam. Não acho que todos os artistas tenham de ser criadores, mas nunca pensaste em tomar esse lugar?

JNM: Sim, já pensei. Durante muito tempo faltou (e ainda falta) coragem, e também me falta tempo [risos] e uma estabilidade financeira. Vou aceitando trabalhos que se vão encadeando...

CR: À medida da sobrevivência... É engraçado estarmos a falar sobre isto. Olhando de fora, tens 30 anos e, em certa medida, és um privilegiado na tua geração. Fizeste cinema, novela em horário *prime time*, teatro, dança, trabalhaste com criadores mais velhos do que tu e com os da tua geração... Como é que ainda estamos a falar de sobrevivência? Como vivem então os outros que não têm o encadeamento de trabalho que tu tens?

JNM: Tenho claramente esse privilégio. Nos últimos sete anos não tive de procurar outro emprego que não este. Ainda assim, muitas vezes, a minha remuneração não me permite estabelecer num sítio cómodo. Estou aqui e não consigo não falar sobre isto porque é uma preocupação e uma ansiedade.

CR: Não tem a ver apenas com a nossa profissão. Vives em Lisboa, certamente pagas uma renda elevada. Na tua geração, esta ideia de ter um lugar para viver é uma preocupação transversal.

JNM: Sinto que alguma liberdade eu tenho. O que não consigo é ser autónomo, apesar de não depender de ninguém e viver do meu trabalho. Bem, já que estamos aqui, aproveito para um desabafo: estou preocupado com o presente porque esse privilégio, ainda que exista, não sei se vai permitir que este discurso mude muito. Acho que vou continuar a andar preocupado com o futuro e a pensar como é que vou pagar a renda e se algum dia vou conseguir comprar uma casa.

CR: Até porque este trabalho com mais continuidade pode desaparecer de um momento para o outro.

JNM: Totalmente, temos muitos exemplos disso. Isso para mim é uma realidade muito clara, que tento não alimentar por uma questão de sobrevivência e de conseguir levantar-me de manhã.

CR: Mas ainda que esse não fosse um problema teu, seria algo em que pensarias. Estarias sempre preocupado porque há alguém que não consegue ter uma casa ou ir ao cinema ou jantar fora. Não vivemos tempos que nos permitam antecipar melhorias significativas. Há muitos contextos que já deviam estar resolvidos como esta coisa de a vida ser difícil, a habitação, a ameaça da extrema-direita. Há uma altura no espetáculo *Nau Nau Maria* em que dizes “Não víamos socorro nem esperança.” Vês esperança?

JNM: Acho que me obrigo a ver. Porque não ter esperança pode ter um qualquer efeito desistente em mim e não estou assim muito interessado nisso porque tenho 30 anos [risos]. Espero, neste sentido de esperança, que venha um socorro e que, pelo menos, o futuro se torne melhor.

A rubrica Primeira Pessoa tem o apoio do Grupo Ageas Portugal, Parceiro Principal do Teatro Nacional D. Maria II

grupo
ageas
portugal

AGENDA A CENTRO

Espectáculo

NAU NAU MARIA

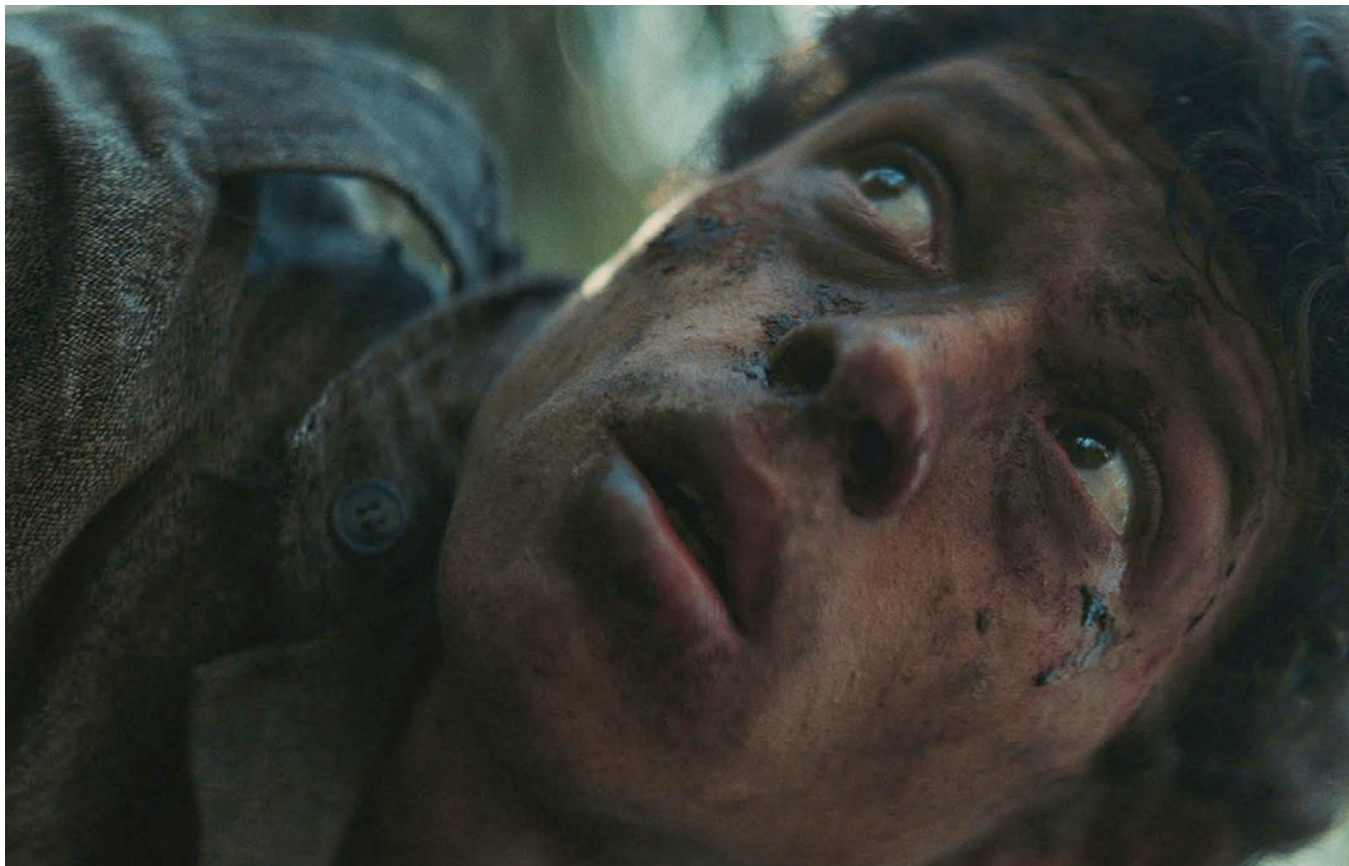
21-22 ABR · A Moagem (Fundão)

28 ABR · Centro Cultural Raiano (Idanha-a-Nova)

5-6 MAI · Centro Cultural Gil Vicente (Sardoal)

12-13 MAI · Casa das Artes de Miranda do Corvo

2
5



Still do filme *Mosquito*, de João Nuno Pinto

PRIMEIRA PESSOA

ODETE, A ARQUEÓLOGA DO FUTURO

URGENTES EMERGENTES



2
6

Visionária e inspiradora, Odete é uma verdadeira artista multidisciplinar. Para além de compositora e produtora, apontada como um dos nomes essenciais da nova geração da música eletrónica independente, tem vindo a desenvolver trabalhos performativos, visuais e de escrita, que apresenta em espaços e contextos variados, como teatros, museus, galerias, festivais.

Na Odisseia Nacional, assina a identidade sonora do espetáculo *Outra Língua*, criado e interpretado por Keli Freitas, Nádia Yracema, Raquel André e Tita Maravilha.

Convidámos Odete a escrever sobre si e sobre o seu trabalho. Num texto visceral, a criadora reflete sobre partilha, conhecimento, continuidade e a importância da construção — ou recuperação — de um arquivo trans, que inclua todas as histórias e identidades.

A visionary and inspirational artist, Odete is a true cross-disciplinary artist. As well as being a composer and producer, regarded as one of the key names in the new generation of independent electronic music, she has developed performative, visual, and written works, which she presents in various spaces and contexts, such as theatres, museums, galleries, and festivals.

At Odisseia Nacional, she is responsible for the sound identity of the show *Outra Língua*, created and performed by Keli Freitas, Nádia Yracema, Raquel André, and Tita Maravilha.

We invited Odete to write about herself and her work. Through a visceral piece, the creator reflects on sharing, knowledge, continuity, and the importance of building — or recovering — a trans archive, which includes all the different stories and identities.



© Pedro Machado

O meu trabalho é tempo. Não é “sobre” o tempo, não confundam. E porque é tempo, falar dele é uma incursão em espiral – cheia de mistérios.

I

Eu viajo no tempo. Deslizo por entre os buracos da história com os dedos molhados de cada página virada e cada portal aberto. A minha língua encharcada da saliva de cada palavra, de cada narração, de cada poema lido — vociferado. A minha ligação com o teatro é um *flirt* contínuo. Temos uma relação... *flirtuosa* sim. Eu vejo-o ali, e ele vê-me aqui e trocamos olhares. Envolve-nos quando é preciso, porque ele sabe que também através dele me permito atravessar séculos passados. Já dizia Pedro Penim que o teatro está sempre a ruminar o seu próprio passado — e é por isso mesmo que tenho uma espécie de *crush*. Gosto de géneros obcecados com o que foram, não tanto pelo potencial conservadorismo, mas sim pelo fetiche de proto antiquário. Não tenho explicação para isto — é um gosto, mesmo.

As viagens no tempo permitem-me conhecer muitas coisas diferentes — pessoas, histórias, maquinações, sonhos. Mas sobretudo permite-me

perceber que nós — pessoas trans — já cá estamos há anos, sob mil e um nomes diferentes. Não tento de todo procurar validação por estas incursões históricas. Sei que somos válidas. Não é sobre isso. É sobre dialogar com uma história que não nos foi permitida. A historiografia sempre foi um privilégio não concedido a algumes de nós. O arquivo nem sempre arquiva — às vezes é simplesmente um poço de silêncios. E o corpo às vezes é o próprio arquivo — um arquivo antagonista dos arquivos que não retêm certos corpos. (repito “arquivo” e “corpo” tantas vezes que fico tonta — consequência desse feitiço da repetição)



© Pedro Machado

II

Dentro do corpo trans, várias temporalidades coexistem. As experiências, histórias e comunidades trans têm questionado as narrativas hegemónicas do tempo, como o que significam a “juventude”, a “maioridade” ou mesmo a mais geral “maturidade”. Como é frequentemente um enquadramento temporal não reprodutivo, ou seja, uma temporalidade sem a perspetiva da longevidade (por razões de alta mortalidade, negligência médica, dificuldades sociais, experimentação química ou falta de pesquisa sobre corpos trans e as suas necessidades específicas, esterilização, etc.) desfaz a construção linear do tempo — da ideia de progressão, tão essencial para as relações hegemónicas — ou o “tornar-se” capitalista. Por exemplo, adultos “queer”/LGBTQ+ encontram-se dentro de subculturas que, da perspetiva do mundo hetero e cisgénero são tipicamente associadas a culturas (semi) adolescentes, ou então diminuídas sob o pretexto de serem “só uma fase”. E uma “fase” é uma temporalidade pejorativa constantemente atribuída à “queerness” (isto é, à estranheza com que o mundo normativo nos vê). E, na verdade, às vezes parece mesmo que só existimos por “fases”, a nossa história constantemente fragmentada através de um desejo “impossível” por continuidade. Pessoas trans também se engajam com diferentes gerações de uma maneira diária e contínua — encontramos-nos para falar sobre as nossas transições e para nos ajudarmos mutuamente, para além dos constrangimentos da idade. Às vezes, o meu processo de transição é mais velho que o de uma mulher trans de 50 anos. E guio-a através dos portões do estrogénio e da feminilidade como se eu fosse uma espécie de mãe. Nascemos umas das outras, para além da cadeia do tempo. E a partir do momento em que partimos essa cadeia de tempo, todas as temporalidades começam a derreter umas para as outras, abraçando-se e expandindo os nossos corpos para além da nossa época.



© Filipe Ferreira

III

Prestemos homenagem a quem veio antes de nós. Eu, Odete, não sou a primeira. Muitas antes de mim chegaram e foram. Transformaram-se e derreteram. Mas nunca puderam estar aqui, em papel palavras saliva pensamentos — nunca puderam ser lidas assim, como tu agora me lês.

Tenho pensado muito em como trabalhar a memória sem a quebrar para ser compreendida pelos poderes vigentes. Ou manipulada por esses mesmos poderes. Manipulada com intenções de nos fazer desaparecer. Porque alguns políticos vão a praça pública e realmente dizem que nos querem “erradicar”. Aproximo-me da memória de pessoas como eu, como se me aproximasse do oceano e dos seus sedimentos. A água do mar tem tantos tempos diferentes a habitá-la, que me lembra que um arquivo trans nunca será um repositório, que simplesmente está lá, mas sim, um movimento. Cicatrizes - luto - raiva - ternura - pontos cirúrgicos - próteses - para já, essas são as nossas bússolas.

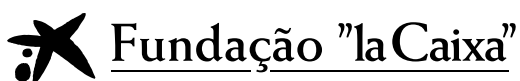
Nota: O texto está escrito de acordo com o *Guia para a Linguagem Neutra*, de Ophelia Cassiano.



The Consequences of a Blood Language (2021)
Ouvir o álbum



A rubrica Urgentes Emergentes tem o apoio do BPI e da Fundação "la Caixa", mecenas do Teatro Nacional D. Maria II



«O MISANTROPO»

ANTES DAS PANCADAS DE MOLIÈRE

FOTOGRAFIAS DE ALÍPIO PADILHA

Preparam-se a rigor. Trocam sorrisos e olhares cúmplices. Muito em breve, Ana Guiomar, David Esteves, Inês Vaz, Joana Bernardo, João Vicente, José Neves, Manuel Coelho e Manuel Moreira darão vida às personagens de *O Misanthropo* — por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière, com encenação de Mónica Garnel, uma peça onde as peripécias e revelações vão suceder-se a um ritmo frenético, num verdadeiro jogo de *suspense* e gargalhadas. Através da lente do fotógrafo Alípio Padilha, fomos espreitar os bastidores, momentos antes de subir a cortina.

They get thoroughly ready. They smile and exchange knowing glances. Shortly, Ana Guiomar, David Esteves, Inês Vaz, Joana Bernardo, João Vicente, José Neves, Manuel Coelho, and Manuel Moreira will be bringing to life the characters in *O Misanthropo* - por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière, directed by Mónica Garnel, a play where adventures and revelations will take place at a frenetic pace, within a full-scale game of suspense and laughter. Through the lens of photographer Alípio Padilha we went backstage, a few moments before the curtain goes up.

**3
1**



BASTIDORES





AGENDA A CENTRO

Espectáculo

O MISANTROPO

POR HUGO VAN DER DING E MARTIM SOUSA TAVARES A PARTIR MOLIÈRE

15 ABR · Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz

22 ABR · Centro de Artes de Águeda

13 MAI · Convento São Francisco (Coimbra)

20 MAI · Teatro Municipal da Covilhã

3

3



BASTIDORES



Excerto do espetáculo *O Misanthropo* — por Hugo van der Ding e Martim Sousa Tavares a partir Molière, com encenação de Mónica Garnel.

João — O que é que ser rei tem, que faz dele mais especial do que eu ou os senhores? Acaso não nascemos todos iguais? Não viemos todos ao mundo a gritar? E o rei não tem, tal como todos nós, dois ouvidos, dois olhos e uma boca? (Reparando que o Marquês tem uma pala num olho) Dois ouvidos e uma boca?



RAQUEL CASTRO

“CONTINUAM A FASCINAR-ME AS HISTÓRIAS DE VIDA QUE HÁ NA MINHA VIDA”

POR CAROLINA LAPA

Em *As Castro*, entramos mais uma vez na história de Raquel. E da mãe de Raquel, e da mãe da mãe de Raquel, e de todas as mães (e alguns pais) que vieram antes de si, num movimento às arreas pela genealogia desta família que nos leva até Inês de Castro. Mas Raquel é tetra tetra tetra neta de Inês de Castro? Não sabemos. O que sabemos é que desta árvore nascem frutos que muitas outras mulheres podem reconhecer o sabor. Numa conversa com a encenadora, falámos de mães, de mulheres, de livros, de finais. Com estreia na Odisseia Nacional na região Centro, o espetáculo é apresentado em Tomar, nos dias 16 e 17 de junho, seguindo depois para Oliveira do Bairro, a 24 de junho.

In As Castro, we once again embark on Raquel's story. And that of Raquel's mother, and Raquel's mother's mother, and all the mothers (and some fathers) who came before them, in a reverse movement through the genealogy of this family that leads us to Inês de Castro. But is Raquel a great-great-great granddaughter of Inês de Castro? We do not know. What we do know is that this tree bears fruit whose flavour many other women can recognise. In a conversation with the director, we talked about mothers, women, books, and endings. With the première of Odisseia Nacional in Central Portugal, the play will be presented in Tomar, on 16th and 17th June, then in Oliveira do Bairro, on 24th June.



As Castro © Isabel Lucena

Joana, maçã é com “m”. Desculpa, Carolina. Sim, filha. Com “m” de Mónica. Depois de uma troca de e-mails inicial com Raquel Castro, este é o nosso primeiro telefonema. Imagino-a em casa, em Lisboa, sentada a uma mesa onde está também a sua filha a fazer os trabalhos de casa. Eu, em Braga, no Largo da Senhora-a-Branca, espero por amigos para jantar. Tinha-me ligado para dizer que, como combinado, ia partilhar comigo o texto (não final) de *As Castro*. Ia também deixar-me uma mensagem de voz no *Whatsapp* com algumas indicações prévias à leitura. Por momentos, senti-me a estranha que, por uma qualquer razão burocrática, nos entra pela casa, pede para ir à casa-de-banho e acaba, secretamente, a abrir as gavetas, cheirar os perfumes, passar o dedo no creme hidratante. Penso se, para Raquel, é habitual falar do seu trabalho com quem não conhece e se isto a incomoda. Atrevo-me a assumir que, se o seu trabalho parte de uma base autobiográfica, confrontar a sua esfera privada com uma plateia de desconhecidos deve ser algo a que já está habituada. Ou não? Os amigos chegam, não penso mais nisso.

“Discutimos muito isso aqui em casa, às vezes nos ensaios. Do lugar do autobiográfico, da força deste teatro, esta tensão que se estabelece entre o espectador e o ator que está a contar uma história pessoal. Há qualquer coisa que se aproxima de uma verdade qualquer ou de uma tensão entre o que é verdade e o que não o é, que tem muito por explorar.” Apesar de não identificar no seu corpo de trabalho uma fórmula, e de não estar segura de que o seu futuro vá incluir sempre a autobiografia e a autoficção, Raquel Castro reconhece que as suas criações partem de uma inquietação pessoal. “Os meus espetáculos começam sempre com uma curiosidade, uma inquietação, uma pergunta que, de alguma forma, quero ver respondida e que pode assumir muitas formas.” *Terreno Selvagem*, *Turma de 95* ou *A Morte de Raquel* são exemplos disso mesmo, com a maternidade, a adolescência e a antecipação da sua morte, respetivamente, a lançarem o mote para uma abordagem mais abrangente sobre estes temas.

Em *As Castro*, no princípio era a árvore genealógica. “Havia uma curiosidade sobre a árvore genealógica. Começar por fazê-la e perceber depois se tinha potencial para daí fazer um trabalho. Imaginei que o espetáculo pudesse contar as histórias das mulheres que vieram antes de mim, e de isso ganhar contornos de um contexto histórico.”

É a este propósito que Raquel menciona o livro *Os Anos*, da escritora francesa Annie Ernaux, Nobel da Literatura 2022. “Não leste?” Não. “Então tens de ler! Ela pega na história do país para falar de si, e vice-versa. E faz uma coisa que eu roubei [risos]: as descrições das fotografias são muito boas e, no livro dela, é o mecanismo que usa para avançar no tempo. No meu caso, a narrativa avança de outra forma, mas também uso descrições de fotografias para contar a minha história. Gosto muito do lado sugestivo dessas descrições.” Apressei-me a comprar um exemplar e, na epígrafe, lemos um aforismo de José Ortega y Gasset que poderia ter sido escrito para a obra de Raquel Castro: “A única história que temos é a nossa e ela não nos pertence.”

Durante a leitura do texto de *As Castro*, comovi-me várias vezes. Ali, naquela história de uma mulher que não conheço, encontrei pedaços da minha própria história. Gerações de mulheres invisíveis e de homens de ofícios, mulheres enigmáticas e mulheres abnegadas (a figura da *mulher mártir*, como tão bem explicou Raquel na nossa conversa), o salto de gigante entre três gerações de mulheres portuguesas por via do acesso à educação, a ideia divertida de que em Portugal, em 1990, todas as famílias estariam sentadas à mesma hora, em frente da televisão, a assistir à novela *Tieta do Agreste*.

Ao mesmo tempo em que Raquel preparava *As Castro*, surgiu “esta fase familiar mais complicada: a idade avançada da minha avó e o facto de a minha mãe estar a tomar conta dela, o que fez com que o espetáculo ganhasse uma direcção que não estava a imaginar.” A relação mãe e filha assume

assim um carácter caleidoscópico. Numa posição central, a relação de Raquel com a sua mãe, mas também a relação de Raquel com as suas filhas, e a da mãe de Raquel com a sua mãe.

No espetáculo, a mãe de Raquel manifesta o amor pela filha confeccionando os seus pratos favoritos, ao mesmo tempo em que lamenta a prisão de estar sempre em casa a cuidar da avó, e o pouco tempo que Raquel despende em cada visita. É possível que as nossas mães sejam lembradas como a geração de mulheres que abdicou de si em prol da família, cuidando primeiro dos filhos e, mais tarde, dos pais. “É curioso falarmos dos modelos que herdamos, modelos de relação e conjugais. São modelos muito frágeis e de muito afastamento. Ainda estamos a perceber como é que isto tudo se faz, como é que as pessoas têm relações saudáveis e construtivas.” No entanto, à pergunta de como é que gostaria de ser lembrada pelas suas filhas, Raquel não tem dúvidas: “espero que as minhas filhas se lembrem de mim como alguém que teve uma vida boa, alguém que fez aquilo que lhe apeteceu. Fez coisas que gostava, perseguiu coisas que gostava... Não sei se será assim, mas tenho tentado equilibrar as coisas e construir outra história. Espero que se lembrem da nossa geração de outra maneira.”

No trabalho autobiográfico de Raquel estão necessariamente incluídas as pessoas da sua vida. Neste caso, a mãe, a avó, o marido, as filhas e até o genealogista. Também eles se sentem confortáveis numa narração onde são personagens? “Isso é sempre um problema para resolver porque estou a falar de outras pessoas e não quero que se sintam expostas. Tenho muito essa preocupação e é algo com que tenho de lidar: vou tentando resolver isso com as pessoas e no texto. Isto também aconteceu na *Turma de 95*. Houve muitas informações que seriam ótimas para o espetáculo e que omiti por saber que os meus colegas de escola o iam ver. Há limites para a forma como quero usar a minha história.”

No contexto da Odisseia Nacional do D. Maria II, *As Castro* tem estreia marcada em Tomar, no dia 16 de junho. No mesmo mês, é apresentado em Oliveira do Bairro e Raquel espera que o espetáculo possa continuar a circular. Ainda este ano, estreará *Uma Retrospectiva 2023*, em colaboração com a coreógrafa, bailarina e performer Mariana Tengner de Barros, que celebra os dez anos da estreia de *Uma Retrospectiva*, “um espetáculo construído a partir de performances que fizemos no espaço público. Vamos fazer uma celebração disso, destes dez anos que, entretanto, passaram”. E depois? “Não gosto muito de pensar que faço sempre as mesmas coisas, prefiro pensar que o próximo pode não ter nada a ver [risos]. Mas, de facto, há qualquer coisa (e já pensei nisto e tentei fugir disto) entre esta proximidade que o autobiográfico tem dos seus pontos de partida e do espetáculo final, que me agarra. Algo que com a ficção, como autora, tenho mais dificuldade em encontrar das vezes em que o experimentei. Tenho encontrado neste lugar de criação um resultado que, no fim, me apraz mais, e que me permite crescer como artista e como pessoa.”

Despedi-me de Raquel sentindo-me menos intrusa. Imaginei que pudéssemos ser amigas se a geografia nos ajudasse. Perguntei-lhe que imagens poderiam acompanhar este artigo, uma vez que me tinha dito que não estava a pensar incluir fotografias no espetáculo. “Se calhar, os retratos de Inês de Castro?” O genealogista não excluiu a possibilidade de Raquel ser descendente da rainha póstuma, mas isso no fim já não importa. As Castro de hoje querem-se coroadas em vida. Longa vida às Castro!

AGENDA A CENTRO

Espectáculo

AS CASTRO

16-17 JUN · Cine-Teatro Paraíso (Tomar)
24 JUN · Quartel das Artes (Oliveira do Bairro)



Raquel Castro em *Turma de 95* © Bruno Simão



Os avós de Raquel Castro nos anos 50

SILENCE, SILENCE, 3 SILENCE, PLEASE 9

A revista Ítaca deu Carta Branca a Pavlo Yurov, criador, juntamente com Anatoliy Tatarenko, de *Silence, silence, silence, please*, que será apresentado no Teatro Académico Gil Vicente, em Coimbra, no dia 12 de maio.

No espetáculo, a ação centra-se na imersão do público nos estados psicológicos e físicos das pessoas que vivenciam os acontecimentos da invasão russa da Ucrânia — desde as condições de exposição à artilharia constante e aos ataques aéreos, passando pelos horrores e pela descrença, culminando na resistência nacional generalizada.

A criação tem por base uma extensiva pesquisa sobre as histórias reais de pessoas que, de alguma forma, estão envolvidas no conflito: civis que resistem à ocupação e aos bombardeamentos, soldados e paramédicos que combatem na linha da frente, voluntários que abastecem o exército e dão ajuda humanitária à população.

Num contexto em que até o silêncio pode ser foco de tensão, convidamos à escuta de uma das paisagens sonoras que acompanham o espetáculo, composta por Olesia Onykienko.

Ítaca magazine gave Carte Blanche to Pavlo Yurov, a creator, together with Anatoliy Tatarenko, for *Silence, silence, silence, please*, which will be presented at Teatro Académico Gil Vicente, in Coimbra, on 12th May.

The performance focuses on immersing the audience in the psychological and physical states of people experiencing the events of the Russian invasion of Ukraine — from the conditions of exposure to the continuous artillery and air raids, through the horrors and disbelief, culminating in widespread national resistance.

The creation is based on extensive research into the real stories of people who are somehow involved in the conflict: civilians resisting occupation and shelling, soldiers and paramedics who fight on the front-lines, volunteers who supply the army and deliver humanitarian aid to the population.

In a context in which even silence can be a source of tension, we invite the audience to listen to one of the soundscapes that are part of the show, composed by Olesia Onykienko.

Ouvir *Silence, Silence, Silence, Please*



© Polina Polikarpova

CARTA BRANCA

OS MEUS LUGARES

POR AMARELO SILVESTRE

*daqui vemos o mundo como em nenhum outro lado do mundo vemos o mundo
juntamos vozes à nossa voz e praticamos a liberdade que o teatro nos proporciona
e o mundo ouvir-nos-á*

É assim que a companhia de teatro Amarelo Silvestre se apresenta. Veem o mundo a partir de Canas de Senhorim onde, desde 2009, têm casa e sede da sua atividade. A sua criação *Assembleia* faz parte do programa Atos da Odisseia Nacional que, após uma paragem a Norte, em Lamego, segue agora para o Centro rumo a Sardoal, nos dias 29 e 30 de abril. Mas a revista Ítaca quis trocar-lhes as voltas. A propósito do espetáculo *Viagem por mim Terra*, de Venâncio Calisto, convidámos Rafaela Santos e Fernando Giestas, da direção artística da Amarelo Silvestre, a partilharem connosco os seus lugares no Centro de Portugal, as suas *viagens na minha terra*.

*from here we see the world as nowhere else in the world we see the world
we add voices to our voice and practice the freedom that theatre gives us
and the world will hear us*

This is how the Amarelo Silvestre theatre company presents itself. They see the world from the village of Canas de Senhorim, where their home and activity centre has been located since 2009. Their creation *Assembleia* is part of the Atos da Odisseia Nacional programme, which, after the stop-off in the north, in Lamego, is now heading for the centre, to Sardoal, on 29th and 30th April. But Ítaca magazine wanted to change their ways. Regarding the show *Viagem por mim Terra*, by Venâncio Calisto, we invited Rafaela Santos and Fernando Giestas, from the artistic direction of Amarelo Silvestre, to share with us their places in Central Portugal, *their journeys in my land*.

CORTEGAÇA

Quando comprámos a autocaravana, viemos de Canas de Senhorim em direção ao mar. Segue, segue, segue e viemos dar a Cortegaça, onde eu, Fernando Manuel, vinha piquenicar com a família, em criança, entre pinhal e praia. Mas foi um acaso. E Cortegaça passou a ser um dos nossos lugares de amor. É o mar, o café, o jornal, o sossego, e o mar. E o mar. E o mar também.





A25: PONTEFORA

A Pontefora, aldeia de Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades, chega-se pela A25, primeiro IP5 e, antes disso, Estrada Nacional não sei das quantas, das muitas curvas e dos muitos enjos. Quando não há transportes públicos que nos valham, um carro particular numa estrada faz muito pela ligação entre pessoas e territórios. Pontefora é a aldeia da eira, dos avós, do pai e das tias do Fernando Manuel, do rio das barbas, da pasmakeira de Verão para urbanos da beira-mar. Foi em Pontefora que pernoitámos na primeira noite da autocaravana, vindos da A25. Dormimos na eira.

CANAS DE SENHORIM

Eu, Fernando Manuel, vou passar a ser mais canense que espinhense, muito em breve. Serão mais os anos a viver em Canas de Senhorim do que em Espinho. Dei-me conta disso há pouco. O mar está sempre a bater à porta, mas eu tento fazer ouvidos moucos. Mas não sei quanto tempo resistirei ao encanto da sereia. A mim, Ana Rafaela, ainda faltam alguns anos para ser mais canense que lisboeta, mas o encanto dessa sereia também me (des)orienta.

AGENDA A CENTRO



Espectáculo

VIAGEM POR MIM TERRA

19 MAI · Teatro Municipal da Covilhã
1 JUL · Teatro-Cine de Torres Vedras

O que buscamos quando partimos? De que é feito o caminho? Viajar para dentro, como se faz? E a descoberta de nós mesmos no outro destino, será a paisagem que, obstinados, procuramos? Todas as viagens partem de um ponto de interrogação, do questionamento das fronteiras que nos dividem e impossibilitam o encontro, a confrontação e a descoberta.

É este o mote da peça *Viagem por mim Terra*, de Venâncio Calisto, que procura por narrativas e personagens reais e imaginárias, que compõem a experiência de um criador moçambicano em viagem no território português. A releitura de *Viagens na minha Terra* de Almeida Garrett e de outras obras clássicas e contemporâneas, portuguesas e moçambicanas, que têm a viagem como seu pano de fundo, bem como o diálogo entre as tradições populares do teatro de ambos países, são fonte de inspiração para esta dramaturgia.



PASSEANDO A NORTE PELOS ATOS E FRUTOS DA ODISSEIA NACIONAL

POR SAMUEL SILVA

Atos e Frutos são dois braços da programação da Odisseia Nacional do Teatro Nacional D. Maria II. Através de um programa dedicado à participação, no caso do Atos, e às comunidades escolares, no Frutos, esta Odisseia não só sai do Rossio como se estende a um nível capilar por cada região por onde passa. Antecipando o percurso destas atividades no Centro, convidámos o jornalista Samuel Silva para acompanhar dois espetáculos que já tiveram lugar a Norte, aguçando a vontade da população de Santarém a juntar-se ao projeto *Cartografia dos Desejos*, e abrindo as portas dos jardins de infância do Cartaxo e de Celorico da Beira para acolherem o piquenique de *Falas Estranhês*?

Atos and Frutos are two arms of the programme of Odisseia Nacional by Teatro Nacional D. Maria II. Through a programme dedicated to participation, as far as Atos is concerned, and to school communities, with Frutos, this Odisseia not only leaves Rossio but extends to a capillary level through each region it goes through. Anticipating the route of these activities in Central Portugal, we have invited journalist Samuel Silva to watch two performances which have already taken place in the North, urging the population of Santarém to join the *Cartografia dos Desejos* project, and opening the doors of kindergartens in Cartaxo and Celorico da Beira to host the camp of *Falas Estranhês*?

CARTOGRAFIA DOS DESEJOS

O desejo é um lugar onde o sonho nunca acaba

“O desejo é um lugar onde o sonho nunca acaba”, lemos numa folha de papel branca colada na fachada do Centro Cultural de Paredes de Coura. Não conhecemos o autor desta frase — nem isso importa. Ainda que tenha trabalhado a partir de contributos individuais, o processo de criação de *Cartografia dos Desejos* construiu um repertório de palavras e imagens que pertence a um coletivo.

Seis semanas de trabalho fizeram assomar os anseios de mais de 50 pessoas. Mas, no final do processo, não importa mais a quem pertence cada um deles: são de todos. Desejos tornados comuns.

Os desejos cartografados pelo colectivo PELE pertencem à comunidade e a ela são restituídos. Em Paredes de Coura, essa devolução foi proposta num movimento ritualístico, dividido ao longo de dois dias.

Num primeiro momento, mais marcadamente performativo, sobre as tábuas do Centro Cultural, o repertório de desejos foi enunciado e, num momento reverencial, queimados sobre uma pira, convocando a sua concretização.

No dia seguinte, as cinzas daí resultantes foram colocadas sobre as raízes de mais de duas

dezenas de árvores que, no final de uma caminhada que reuniu novamente as pessoas daquele lugar, foram plantadas no ponto mais alto da vila. Os desejos pertencem à comunidade e a ela são restituídos.

O ato de desejar tem uma potência intrínseca. É “algo absolutamente universal, capaz de comunicar com qualquer pessoa”, sintetiza Maria João Mota, que, com Fernando Almeida, assumiu a direção artística do projeto. É isso que interessa ao colectivo PELE. E é também o ponto de partida de *Cartografia dos Desejos* — a sua provocação original, poder-se-ia dizer.

Trabalhar sobre o ato de desejar é também o único elemento totalmente definido quando se inicia o contacto com cada um dos grupos participantes. A partir daqui, entra em jogo cada comunidade. Em Paredes de Coura, o processo contou com três conjuntos de pessoas — crianças da escola pública, adolescentes da escola profissional e um grupo comunitário inter-geracional.

Em Santarém (em maio) ou em Portimão (em novembro), para onde o projeto segue o seu caminho, no âmbito da Odisseia Nacional, os grupos participantes serão distintos e, por isso, os resultados serão necessariamente diferentes.

O trabalho feito em Paredes de Coura servirá, no entanto, de ponto de partida do ponto de vista dramático, antecipa Maria João Mota. Cada território construirá o seu mapa em cima do que foi feito pela comunidade anterior, como “desejos que se vão somando”.



Cartografia dos Desejos © João Versos Roldão

Cartografia dos Desejos © João Versos Roldão



Falas Estranhês? © Filipe Ferreira

FALAS ESTRANHÊS?

Qual o lugar do encontro quando não falamos a mesma língua?

Começamos por interpelar com uma pergunta um espetáculo que também tem uma questão no título: Qual pode ser o lugar do encontro quando não falamos a mesma língua?

Talvez a resposta esteja na comida, sugere *Falas Estranhês?*, um espetáculo dirigido por Catarina Requeijo. Três pessoas reúnem-se num piquenique: Olga fala Português; Olaj fala Estranhês; Olinka expressa-se em ambas as línguas.

Depois dos desacertos com o idioma, a música e até a forma de se cumprimentarem, as três personagens constroem o seu lugar de encontro. Aprendem as palavras da língua que não é a sua e tradições que não conheciam — o Natal de Olga e o Patruscus de Olaj e Olinka.

E há, enfim, um momento em que quase se podia gritar: “Eureka!”. Uma palavra comum aos dois idiomas. “Bolo é bolo”, diz Olga. “Bolo est bolo”, diz Olaj. Talvez a resposta esteja na comida.

Falas Estranhês? é um espetáculo sobre uma língua (inventada), e impressiona pela precisão das palavras, responsabilidade de Inês Fonseca Santos e Maria João Cruz. As frases neste idioma têm a dose certa de termos que soam familiares conjugados com outros vindos de línguas mais longínquas e alguns totalmente inventados. É esse trabalho de minúcia que garante um equilíbrio em doses certas entre a atenção da plateia e o seu sobressalto — o espetáculo dirige-se a crianças em idade pré-escolar.

Nos jardins de infância e nas escolas do país, há cada vez mais alunos que não têm o Português como primeira língua. Este já não é só um fenómeno exclusivo de Lisboa, onde este espetáculo foi criado e estreado em 2019, nem das maiores cidades. Em Monção, onde vimos *Falas Estranhês?* junto das crianças do Centro Escolar Professor José Pinheiro Gonçalves, há alunos de origem africana e americana. Não é preciso recuar muitos anos para encontrar um tempo em que não era assim.

O sistema de ensino “ainda está na fase de olhar para isto como uma dificuldade”, nota Catarina Requeijo, que dirige esta criação, mas aos poucos vai sendo possível “capitalizar esta mais valia que é ter o mundo inteiro dentro da escola”.

É esta a realidade que este espetáculo convida. Fá-lo de forma evidente, mas nunca óbvia. Sem resvalar em didatismo, sem pretender ser um manifesto, antes abrindo uma janela para pensar sobre a forma como a Escola — e também o Teatro — podem ser lugares de encontro.

O espetáculo “Falas Estranhês?” integra o projeto Boca Aberta. Uma iniciativa do Teatro Nacional D. Maria II, em parceria com a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.



Falas Estranhês? © Filipe Ferreira

“PORTA ABERTA
MESA POSTA
ENTRAI COM
ALEGRIA”.

E ENTRÁMOS.

POR PATRÍCIA SILVA SANTOS

Entrámos na Região Norte e quando demos conta tinham passado três meses. Três intensos meses que culminaram num momento de *slow culture* — o *Cenários Passados* em Guimarães — com intenção de promover diálogos e construir conhecimento entre pessoas e as suas ideias e experiências. Ou um momento em que o Teatro Nacional D. Maria II “foi à box”, como descrevia Pedro Penim, o nosso diretor artístico.

We arrived in the North Region and, before we knew it, three months had passed. Three very intense months which culminated in a *slow culture* moment — *Cenários Passados*, in Guimarães — aiming at promoting dialogues and building knowledge between people, their ideas and experiences. Or a moment when the Teatro Nacional D. Maria II “went to the pits”, as our artistic director Pedro Penim described it.

Durante estes três meses, a Odisseia Nacional (re)forçou a consciência dos plurais — territórios, comunidades, histórias, pessoas, vivências, identidades, saberes... — e traduziu-se numa panóplia descentrada de ações culturais. Colaborámos com teatros e cine-teatros, com auditórios, centros de artes, centros de inovação, centros culturais, centros de criação, edifícios multiusos, relevando-se a diversidade de espaços onde se situa a oferta cultural “clássica” no nosso país.

A programação cultural da Odisseia Nacional foi ao encontro e foi encontrada também perto de onde se vive, onde se passa, onde a família é bem-vinda. Bibliotecas, praças e rádios locais. Aproximámos a cultura ao quotidiano numa pastelaria em Vinhais com a Formiga Atómica (programa Atos), na sala de um jardim de infância em Monção para apresentar o espetáculo *Falas Estranhês?* (programa Frutos). Acercamo-nos das forças vivas dos territórios, como na Lage com a Ondamarela, e deslumbramo-nos com a riqueza e a importância da sua atividade. A diversidade de pessoas que participaram na Odisseia Nacional durante este período contribuiu para uma vitalidade cultural acrescida, contrária ao “adormecimento” social do qual nos falava a Professora Mininha Quintela, de Lamego, contrária ao perfil ainda homogéneo de pessoas que assistem a espetáculos de teatro e que ilustra a tendência para a acumulação de fatores de exclusão.

O caminho da Odisseia Nacional foi, assim, cruzando-se com questões históricas, sociais e estruturais enraizadas em cada um de nós, nas instituições, na cultura, na sociedade. Por outro lado, a diversidade das equipas artísticas envolvidas e dos seus projetos favoreceu a existência de um ecossistema de práticas e uma polifonia de ideias que cruzou tempos. Nesta intersecção remexeu-se, por exemplo, na questão da representatividade. A representatividade de quem faz cultura — a criação, o elenco, o desenho de luz e de som, os figurinos, a direção de cena, a produção, a direção artística. Dizia-nos Alice Azevedo, autora e criadora do espetáculo *Nau Nau Maria*, que “temos um panorama de pessoas muito iguais” e que “todos estes potenciais criativos que não chegam aos nossos

palcos, aos nossos teatros, aos nossos livros, podiam enriquecer tão mais o nosso panorama cultural”.

Vimos isso acontecer. A apresentação do espetáculo *Zoo Story* (programa Peças) em Ponte de Lima e em Lamego, tal como tinha acontecido no Rossio, com um elenco composto por atores surdos, originou “uma presença em peso da comunidade surda”, dizia-nos o ator Tony Weaver, mostrando que um espaço entendido como não sendo seu pode tornar-se um espaço de relação, onde há pessoas e histórias próximas. As histórias também compõem esta reflexão. Contrariando a história única, o espetáculo *Nau Nau Maria* criou “desconforto”, suscitou “dúvidas essenciais para o processo de construção do conhecimento”, provocou “surpresas”, “aguçou o espírito crítico” e “espicaçou a curiosidade”, como nos disseram professores e professoras em sessões com escolas. Gerou conversas intergeracionais também no seio de famílias, como nos contava Afonso Viriato (Bestiário) no *Cenários Passados*: “Este tipo de espetáculos pode começar uma conversa que é importante e que de outra forma poderia ser complicada de iniciar”.

Em última instância, a vida cruzou-se com e na Odisseia Nacional e o Teatro enriqueceu e foi enriquecido. Tudo indica que vamos continuar a torcer(-nos), puxar(-nos), fazer perguntas, pensar em voz alta, desafiar e ser desafiados. Diz-se pelos corredores que o D. Maria II nunca voltará a ser o mesmo.



Debate — *Odisseia Nacional, Reflexão a Norte* © João Versos Roldão



Leitura encenada de *Viagem por Mim Terra* © João Versos Roldão



Showcase *Da Tormenta à Esperança* pelo projeto de inovação social RUMOS – Saúde Mental © João Versos Roldão

UM TESTEMUNHO SOBRE O «CENÁRIOS PASSADOS» POR DANIELA SILVA

Daniela Silva é aluna do segundo ano da licenciatura em Teatro da Universidade do Minho. Aproveitando a passagem do *Cenários Passados* por Guimarães, convidámos a estudante para acompanhar uma parte da programação. Sem comprometer as aulas, a Daniela assistiu a conversas e *showcases*, e partilhou com a Ítaca algumas reflexões e inquietações de quem caminha para a profissionalização nas artes performativas. O programa *Cenários* segue para o Centro nos dias 30 de junho e 1 de julho em Torres Vedras, onde olhará para o presente.

Cenários Passados convocou inúmeras discussões sobre aquilo que é, ou deveria ser, a cultura, apresentando novas formas, novos pontos de vista e soluções para os problemas aqui identificados. Como estudante de teatro, este programa trouxe mais vertentes na criação de um espetáculo que até agora não eram para mim prioridades, como a acessibilidade e a representatividade, que não só devem estar demonstradas em palco, mas também ser encontradas no público.

O *showcase* do projeto de inovação social RUMOS - Saúde Mental veio reforçar a importância da representatividade em palco com a performance *Da Tormenta à Esperança*. Tal como a leitura encenada por João Abreu e Rita Moraes de *Viagem por mim Terra*, um espetáculo em construção do dramaturgo moçambicano Venâncio Calisto, que iniciou em janeiro uma série de viagens pelo território português, com o objetivo de escrever uma peça ao longo do ano de programação da Odisseia Nacional, que possa refletir não só a ideia de viagem, como conferir um olhar (estrangeiro) sobre as realidades do Portugal de 2023. Para mim, é também urgente repensar a acessibilidade do público ao teatro e o quão diversificado ele é ou pode ser. Invocando o conceito de *Geografia de Relações*, lançado pelo geógrafo Álvaro Domingues na sua intervenção, é necessário conhecer a comunidade que rodeia um espaço cultural e perceber o porquê deste não ser acessível ou frequentado por aqueles que estão à sua volta, construindo uma programação que os desafie e convide a entrar.

Ainda no contexto dos *showcases*, foi dada a oportunidade a um grupo de artistas locais, recém-licenciados ou ainda a frequentar a licenciatura em Teatro, de apresentarem *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. Com dramaturgia e encenação de Miguel de Riba e interpretação de Cidália Carvalho, João Paulo Miranda, José Dias, Mara Santos, Miguel de Riba e Tiago da Costa, foi para mim interessante e valioso ver novos artistas serem incluídos e inseridos no mundo profissional. Isto porque em quase todas as casas de espetáculo assistimos a uma repetição de programação, apenas com ligeiras alterações, que dá prioridade a artistas já familiares do público e pouco espaço para a apresentação de projetos de criadores em ascensão.

Cenários Passados provocou em mim novos medos e receios, não só pelas questões sociais de “fazer bem”, mas também pensando nesta ideia de repetição de programação que limita a circulação de criações de novos artistas. Como recém-artista, é para mim extremamente necessário este tipo de encontros, não só para perceber melhor o panorama do teatro português, mas também para compreender as suas lacunas e como podemos contribuir para a sua evolução.

A POSSIBILIDADE DE UM TEATRO

POR TIAGO BARTOLOMEU COSTA



Público na Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II, na estreia de *Passa Por Mim no Rossio* de Filipe La Féria, encenação de Filipe La Féria produção Teatro Nacional D. Maria II, 1991. © TNDM II. Fot. de Luís Constantino | AT 051-017

AGENDA A CENTRO

Exposição

QUEM ÉS TU?

UM TEATRO NACIONAL A OLHAR PARA O PAÍS

25 MAR-28 ABR · Centro de Artes de Águeda

6-27 MAI · Centro Cultural e de Congressos das Caldas da Rainha

3-24 JUN · Casa da Ribeira (Viseu)

A Odisseia Nacional propõe-se olhar para os últimos 100 anos do teatro português, numa grande exposição que parte da história do D. Maria II para observar e interpretar a sua relação com o país. *Quem és tu? — Um teatro nacional a olhar para o país* quer ativar relações de reconhecimento e de partilha nos 11 municípios por onde vai passar, como nos desvenda o seu curador, Tiago Bartolomeu Costa.

Odisseia Nacional intends to look back at the past 100 years of Portuguese theatre in a major exhibition that stems from the history of the D. Maria II theatre to observe and interpret its relationship with the country. Quem és tu? — Um teatro nacional a olhar para o país aims to activate relations of recognition and sharing in the 11 municipalities where it will be showcased, as revealed by its curator, Tiago Bartolomeu Costa.



O rancho de pescadores da Nazaré, no palco do Teatro Nacional, 21 janeiro 1936. Autor não identificado.
Imagem cedida pelo ANTT | PT/TT/EPJS/SF/001-001/0039/0145K



Aspeto do desfile de legionários, no dia do seu juramento de bandeira, em frente ao Teatro Nacional (em cuja varanda se encontravam os presidentes da República e do Conselho, e membros do governo), 12 junho 1938. Autor não identificado. Imagem cedida pelo ANTT | PT/TT/EPJS/SF/001-001/0057/2209M

Organizada em quinze núcleos não-cronológicos, a exposição *Quem és tu? — Um teatro nacional a olhar para o país*, é um exercício de inventariação dos modos de narração e descrição das diferentes vidas de um teatro com nacional no seu nome. Ao longo de oito meses de pesquisa, realizados no cruzamento dos arquivos do Teatro Nacional D. Maria II e do Museu Nacional do Teatro e da Dança, foram sendo interpretadas as memórias, os materiais e a receção de espetáculos apresentados no TNDM II, na tentativa de compreender de que modo nos poderíamos reconhecer, enquanto país, nas diferentes respostas à ideia de missão de serviço público que o teatro transporta desde a sua fundação em 1846. Mas, em particular, como é que no acumulado de 48 anos de ditadura e quase 50 de democracia que juntou praticamente todo o século XX ao que já levamos de século XXI, podíamos contribuir para uma efetiva inscrição da prática artística nas vivências sociais, políticas e éticas do país.

Desse modo, à opção por uma ancoragem em espetáculos de autores portugueses, foi acrescentada a preocupação de olhar para textos que não tivessem “sobrevivido” ao tempo, mas revelassem, afinal e sobre esse tempo onde existiram, modos de ser e revelar um país distante do Rossio.

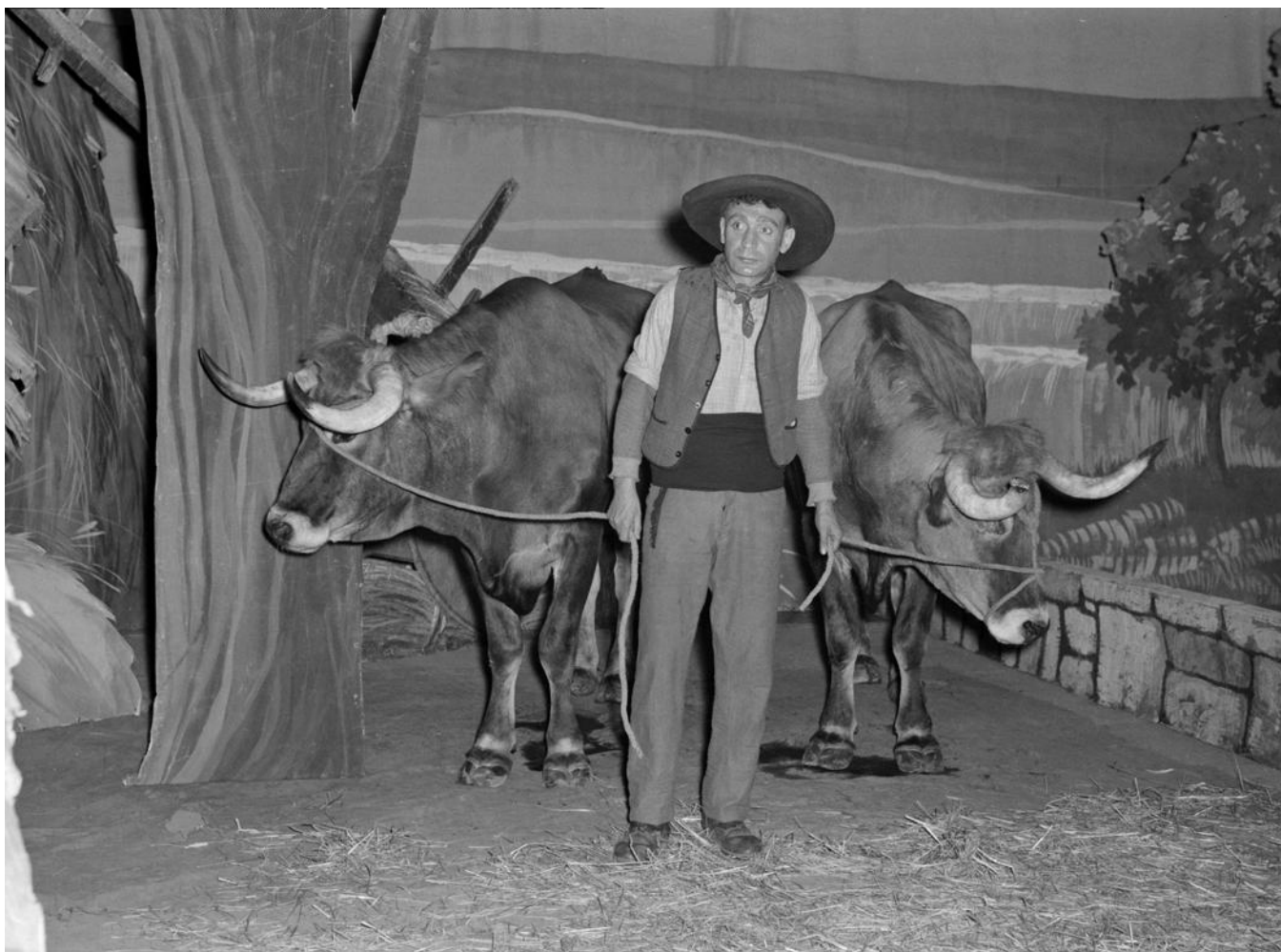
O resultado é menos uma exposição sobre espetáculos, mas sobre expectativas de representação e de vontade de diálogo, construída numa leitura aproximativa às implicações decorrentes das escolhas feitas ao longo de tantas temporadas. Esse retrato, incompleto antes da chegada de cada visitante, procurou criar margem para que cada pessoa nele se projetasse e, assim, chamar a si a concretização da missão pública do teatro.

Na leitura de cada documento, no cruzamento de cada referência e na seleção de cada imagem, preocupou-me antecipar de que modo aquelas que pareciam ser noções coletivas, podiam ser traduzidas a uma escala local. Ou seja, de que modo é que, em cada dimensão territorial definida por onde a exposição vai passar, podem ser ativas relações de reconhecimento e partilha, mais do que exportação de conhecimento e saber. Do que se sabe que por ali passou, do que sobre o que se diz ser, lá se apresentou, sobre a ficção a que damos o nome de identidade coletiva.

O teatro nacional foi várias coisas, teve várias direções e viveu várias vidas, da vida de um espetáculo às biografias de quem neles trabalhou, à frente e atrás do palco. Nessa multiplicidade de narrativas, importou-me problematizar a partir do efeito, tentando que cada escolha levantasse questões sobre ideias de poder, representação, identidade, território, ficção e realidade, na tentativa de ler a história do que foi apresentado a partir do que ficou de lado, nas margens, ou pelo caminho.

Toda a exposição se constrói a partir de um intenso desejo de questionamento, lançando pistas em cada um dos núcleos, de modo que possamos recuar, e recusar, a ideia estanque e finita, bastante confortável, do reconhecimento e da confirmação. Não é, por isso, uma exposição de validação e afirmação, mas de interrogação e dúvida, usando os mesmos nomes, as mesmas marcas e as mesmas referências, para perguntar se sabemos realmente quem somos, a partir de um lugar afirmativamente central.

A Exposição "Quem és tu?" é uma iniciativa do Teatro Nacional D. Maria II em parceria com a Comissão Comemorativa dos 50 anos do 25 de Abril e o Museu Nacional do Teatro e da Dança.



Raul de Carvalho (Ti Martinho Grave) com junta de bois no cenário da peça *Entre Giestas*, de Carlos Selvagem, encenação de António Pinheiro, produção Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, 28 maio 1960. © TNDM II. Fot. de José Marques | EJM 9196



Elenco da peça *Ponto de Vista*, de Varela Silva, encenação de Pedro Lemos, produção Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, 10 fevereiro 1968. © TNDM II. Fot. José Marques | EJM 41595

ESPAÇOS CULTURAIS DO CENTRO PARA ALÉM DA FORMA

CULTURAL SPACES IN THE CENTRE BEYOND SHAPE

No Centro, fomos à procura de edifícios invulgares que acolhem a programação cultural deste território e, de abril a junho, também a da Odisseia Nacional. De um ponto encarnado e desconcertante à total camuflagem na paisagem, estes espaços culturais têm assinatura, mas vão muito para além da forma.

We've gone in search of unusual buildings in Central Portugal which host the region's cultural programme and, from April to June, the National Odyssey as well. From a bewildering red dot to the complete camouflage amongst the landscape, these cultural venues have their own unique attributes, but they go far beyond their form.

CASA DAS ARTES DE MIRANDA DO CORVO

Foi a Serra da Lousã a grande inspiração para o desenho da Casa das Artes de Miranda do Corvo pelo gabinete FAT. Desde 2013 que a geometria encarnada deste edifício entra ora em diálogo ora em contraste com a paisagem serrana, numa conversa acesa entre a montanha e os planos inclinados da fachada, entre o jardim e o interior, onde tudo acontece.

Com uma programação regular e diversificada e um espaço para apresentação de exposições, a Casa das Artes não só acolhe iniciativas culturais de diferentes géneros artísticos como é o palco das suas comunidades. Ali, escolas de música, academias de dança, estabelecimentos de ensino e associações encontram um lugar privilegiado para apresentar os seus projetos artísticos, contribuindo para a apropriação deste espaço pela população local e para a afirmação da sua cidadania cultural.

CASA DAS ARTES DE MIRANDA DO CORVO

The Lousã mountain range provided the inspiration for the FAT's design of Casa das Artes de Miranda do Corvo. Ever since 2013, the red geometry of this building has been in both dialogue and contrast with the mountain landscape, engaging in a lively conversation between the mountain and the sloping façade, between the garden and the interior, where everything happens.

With a regular and diversified programme and a space for exhibitions, Casa das Artes not only hosts cultural initiatives of different artistic genres but is also a central platform for its communities. That is where music schools, dance academies, teaching establishments, and other organisations find a privileged place to present their artistic projects, thus contributing to the appropriation of this space by the local community and to the affirmation of their cultural citizenship.



CENTRO CULTURAL RAIANO, IDANHA-A-NOVA

O “castelo” camuflado por entre a paisagem que, segundo o seu arquiteto Luís Marçal Grilo, veio “defender a cultura do interior do país relativamente ao litoral”, foi inaugurado em 1997 e continua a ser a base segura das artes em Idanha-a-Nova. Atualmente, o Centro Cultural Raiano é a sede da Orquestra Sem Fronteiras, do Geopark Naturtejo da Meseta Meridional — UNESCO e do projeto Idanha-a-Nova — Cidade Criativa da UNESCO na Música.

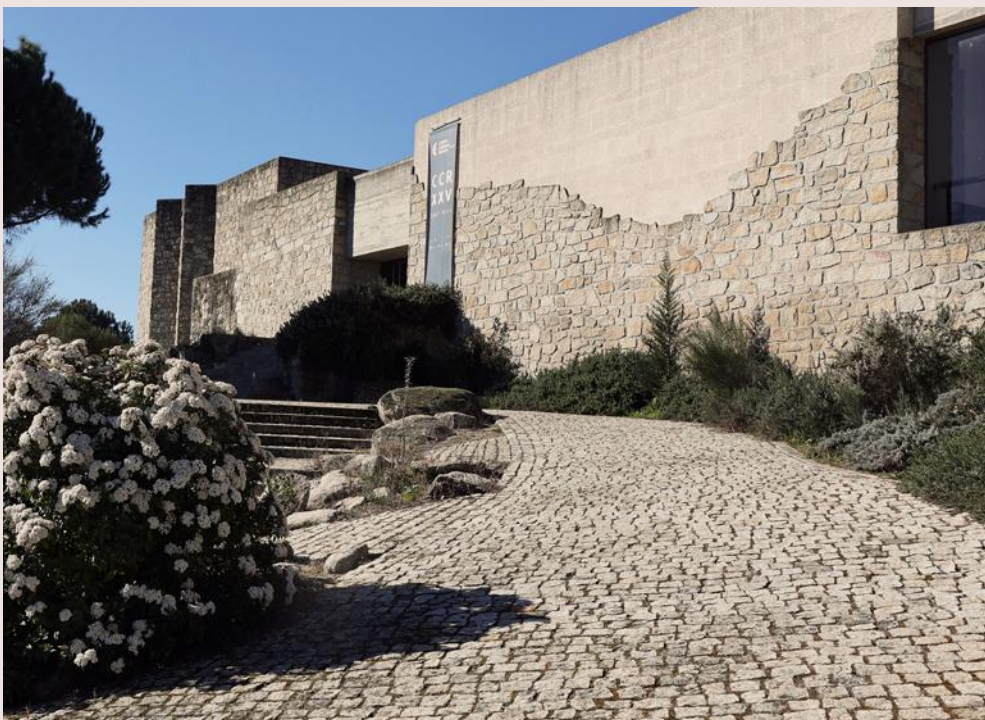
Com 2800 metros quadrados, este equipamento é dotado de um anfiteatro com 1000 lugares, três salas de exposição, um auditório e um conjunto de espaços polivalentes, distribuídos em torno de um amplo jardim interior. É também o centro de uma estratégia descentralizada de produção e programação cultural, que garante a acessibilidade cultural a diferentes públicos, naquele que é um dos concelhos mais extensos do país.

CENTRO CULTURAL RAIANO, IDANHA-A-NOVA

The "castle" concealed amidst the landscape, which, according to its architect, Luís Marçal Grilo, "advocated the culture of the country's inland region over the coast's", first opened in 1997 and continues to serve as the safe haven for the arts in Idanha-a-Nova. Currently, Centro Cultural Raiano is home to Orquestra Sem Fronteiras, Geopark Naturtejo da Meseta Meridional – UNESCO, and the project Idanha-a-Nova – UNESCO Creative City of Music.

Featuring 2800 square metres, this venue comprises an amphitheatre that seats 1000 people, three exhibition rooms, an auditorium, and a number of multifunctional spaces distributed around a large indoor garden. It is also the centre of a decentralised strategy of cultural production and programming which guarantees cultural accessibility to different audiences in one of the largest municipalities in the country.

Centro Cultural Raiano © Arquivo CCR_CMIN



TEATRO MUNICIPAL DE OURÉM

De traços brutalistas da autoria do arquiteto J.P. Hamard em 1988, o Teatro Municipal de Ourém (TMO) foi reabilitado em 2017 pelo arquiteto Gonçalo Louro para responder às atuais exigências técnicas e funcionais das diferentes artes do espetáculo. Nesta intervenção, foi privilegiada a manutenção da estrutura compositiva original do edifício, ao mesmo tempo em que se criaram condições para acolher o maior número possível de opções cénicas e artísticas.

O novo TMO apresenta assim uma programação artística regular de música, dança, teatro, performance, cinema e residências artísticas que serve a cidade e a região, sendo ainda composto por um serviço educativo que promove o encontro entre os seus públicos e a criação artística contemporânea.

TEATRO MUNICIPAL DE OURÉM

Its brutalist traces authored by architect J.P. Hamard, in 1988, Teatro Municipal de Ourém (TMO) was restored in 2017 by architect Gonçalo Louro so as to respond to the current technical and functional demands of different performing arts. This intervention privileged the maintenance of the original compositional structure of the building while creating the necessary conditions to be able to offer the largest possible number of scenic and artistic options.

The new TMO thus offers a regular artistic programme of music, dance, theatre, performance, cinema, and artistic residencies that serves not only the city but also the entire region, and it also provides an educational service that promotes interaction between its audiences and contemporary artistic creation.

A MOAGEM, FUNDÃO

Do edifício da antiga empresa Moagem do Fundão, exemplar da arquitetura industrial portuguesa do século XX, nasceu A Moagem — Cidade do Engenho e das Artes, um equipamento cultural multidisciplinar que serve as populações do Fundão e da região envolvente. A recuperação deste complexo industrial foi conduzida pelo arquiteto Miguel Correia, tendo sido inaugurado em 2007. O projeto concilia a recuperação dos antigos armazéns fabris e da característica chaminé com a construção de um corpo central de desenho contemporâneo, estando a totalidade da obra ao serviço das artes e da cultura.

A Moagem acolhe uma programação cultural diversificada, com lugar para diferentes linguagens artísticas e uma plataforma pedagógica artística e cultural, focada no envolvimento das comunidades locais.

A MOAGEM, FUNDÃO

A Moagem – City of Crafts and Arts is a multi-disciplinary cultural facility that serves the people of Fundão and the surrounding region. It was born out of the building of the old company Moagem do Fundão, a fine example of 20th century Portuguese industrial architecture. The restoration of this industrial site was led by architect Miguel Correia and it opened in 2007. The project combines the recovery of the former factory warehouses and the typical chimney with the construction of a central body of contemporary design. The entire project is at the service of arts and culture.

Moagem hosts a diversified cultural programme, featuring distinct artistic languages and an artistic and cultural pedagogical platform focused on the engagement of local communities.

A Moagem, Fundão © Direitos Reservados



TMO © Teatro Municipal de Ourém

CINCO ROTEIROS A NÃO PERDER NO CENTRO

A Odisseia Nacional vai percorrer 33 municípios na região Centro. Para além de quatro Lugares Património — Coimbra, Tomar, Alcobaça e Batalha, e cinco Cidades Criativas da UNESCO — Covilhã (Design), Idanha-a-Nova (Música), Caldas da Rainha (Artesanato e Artes Populares), Óbidos (Literatura) e Leiria (Música), a zona Centro tem muito mais para descobrir. Aproveite a programação da Odisseia e explore o que o teatro e o território têm de melhor para oferecer.

FIVE MUST-SEE ROUTES IN THE CENTRE

On the heels of Odisseia Nacional, we have wandered around the North and discovered five must-visit spots in some of the areas our programme travels through. Felgueiras, Monção, Paredes de Coura, Bragança, Vinhais, Torre de Moncorvo, Carrazeda de Ansiães and Mirandela are the places we have chosen to explore in addition to the theatre. Enjoy your trip!



Serra do Caramulo © ARPT Centro



Grutas de Mira de Aire © Turismo Centro de Portugal

ENTRE A MAGIA DE MONTANHAS E GRUTAS

Serra do Caramulo, Aveiro e Viseu
Serras de Aire e Candeeiros, Leiria e Santarém

Dotada de paisagens de grande beleza natural, a Serra do Caramulo é conhecida pela pureza dos seus ares, uma reputação que remonta ao tempo em que a Vila do Caramulo era conhecida como local de cura, onde se situava a mais importante estância sanatorial da Península Ibérica.

Em dias de céu limpo, a partir do Caramulinho, o ponto mais alto da serra com 1075 metros de altitude, é possível vislumbrar as serras da Estrela, da Lapa, de Montemuro, a Ria de Aveiro e o mar, numa vista panorâmica sobre a região. Na primavera, a Reserva Botânica de Cambarinho, em Vouzela, torna-se um dos lugares mais bonitos da serra, graças à maior concentração de loendros da Europa, que floresce e preenche a montanha de cor e beleza.

Dos ares da serra aos mistérios do mundo subterrâneo, os amantes de grutas e cavernas vão encontrar nas Serras de Aire e Candeeiros lugares inesquecíveis. As Grutas de Mira de Aire, Santo António, Moeda, Alvados e Algar do Pena podem ser percorridas ao longo de vários trajetos, repletos de lagos e de surpreendentes formações calcárias de "estalactites" e "stalagmites" esculpidas ao longo dos anos pela natureza, em cenários de admirável delicadeza.

AMONG THE MAGIC OF MOUNTAINS AND CAVES

Caramulo Mountains, Aveiro and Viseu
Aire and Candeeiros Mountains, Leiria and Santarém

With landscapes of great natural beauty, the Caramulo mountain range is known for the purity of its air, its reputation dating back to the time when the village of Caramulo was known as a place of healing, where the most important health resort of the Iberian Peninsula was located.

On a clear day, from Caramulinho, the summit of the mountain range at 1075 metres high, it is possible to see the mountains of Estrela, Lapa, Montemuro, the Ria de Aveiro and the ocean in a panoramic view over the region. In the Spring, the Reserva Botânica de Cambarinho, in Vouzela, becomes one of the most beautiful places in the mountains, because of the largest European concentration of oleanders, which blossom and cover the mountain in colour and beauty.

From the mountain air to the mysteries of the underground world, lovers of caves and grottoes will discover some unforgettable spots in the Aire and Candeeiros Mountains. The caves of Mira de Aire, Santo António, Moeda, Alvados, and Algar do Pena may be visited along several paths, lined with lakes and surprising limestone formations of "stalactites" and "stalagmites" sculpted throughout the years by nature in scenarios of admirable delicacy.



Rota das Cegonhas, Oliveira do Bairro © Junta de Freguesia de Oliveira do Bairro

À DESCOBERTA DE MOINHOS E CEGONHAS

Rota dos Moinhos, Albergaria-a-Velha
Rota das Cegonhas, Oliveira do Bairro

A Rota dos Moinhos de Albergaria-a-Velha é composta, atualmente, por 14 moinhos de água espalhados ao longo de uma extensão de caminhos verdejantes e ribeiros de águas cristalinas.

Cada moinho tem gestão própria e diferentes atividades que podem ser frequentadas durante todo o ano: trilhos pedestres, visitas guiadas, almoços típicos ou atividades relacionadas com o ciclo do pão, desde a moagem à degustação. A Rota dos Moinhos é feita de memórias e de tradição, num concelho onde o moinho ocupou um dos lugares centrais da vida rural, existindo registos de mais de 350 moinhos de água inventariados, o maior número em toda a Europa.

Por entre as margens do rio Cértima, em Oliveira do Bairro, no decurso de dezenas de hectares de marinhas de arroz, é possível encontrar um sem fim de cegonhas-brancas felizes. O rio e os campos dão-lhes as condições ideais para se alimentarem e, para as podermos observar, nada melhor do que seguirmos a Rota das Cegonhas, que permite aos visitantes apreciarem a paisagem natural num percurso ao longo de quase sete quilómetros. Para além das cegonhas, as garças, os íbis-negros, as águias-sapeiras e os milhafres costumam fazer aparições durante a rota, tornando o percurso ainda mais memorável.

DISCOVERING WINDMILLS AND STORKS

Windmills Route, Albergaria-a-Velha
Storks Route, Oliveira do Bairro

The Albergaria-a-Velha Mills Route is currently composed of 14 water mills scattered along an extension of lush green paths and crystal clear streams.

Each mill is managed separately and has a variety of activities which can be enjoyed all year round: hiking trails, guided tours, traditional meals, or other activities related to the baking cycle, from grinding to tasting. The Mills Route is made of memories and tradition, in a municipality where the mill has held one of the central roles in rural life, with records of over 350 inventoried watermills — the highest number in the whole of Europe.

Along the banks of Cértima river, in Oliveira do Bairro, in the course of dozens of hectares of rice fields, it is possible to find an endless number of joyful white storks. The river and the grasslands provide them with the ideal conditions for feeding and to be able to observe them, there is nothing better than following the Storks Route, which allows visitors to appreciate the natural landscape along a path stretching for almost seven kilometres. In addition to the storks, also herons, black ibises, ospreys, and kites usually show up along the route, making it even more memorable.



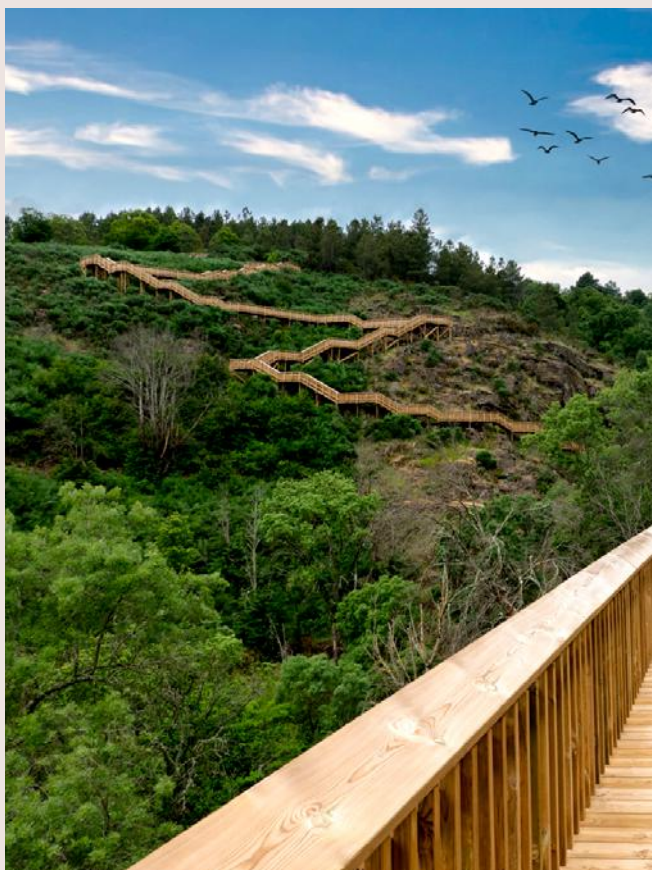
Rota dos Moinhos, Albergaria-a-Velha © Município de Albergaria-a-Velha

NO CORAÇÃO DA NATUREZA

Vide Entre Vinhas e Prados, Celorico da Beira
Passadiços do Mondego, Guarda

Banhada pelo rio Mondego, no sopé da Serra da Estrela, a vila de Celorico da Beira é o lugar perfeito para um encontro com a natureza no seu estado mais puro. As paisagens de montanha, marcadas pela abundância de ribeiros e levadas de água transparente, são verdadeiramente encantadoras. Para se perder em áreas campestres e admirar a vista, vá até Vide Entre Vinhas e suba ao Penedo do Bico e ao Penedo Gordo. Na freguesia de Prados, divague pelos extensos bosques de solos férteis, onde pode encontrar variadas espécies de cogumelos. Não se esqueça de provar o queijo feito na região. Afinal, Celorico da Beira é considerada a capital do Queijo da Serra da Estrela.

Um pouco mais a sul, inaugurados em novembro de 2022, os Passadiços do Mondego e as suas paisagens deslumbrantes são já considerados visita obrigatória na região da Guarda. Miradouros, cascatas, levadas, moinhos e pontes suspensas são apenas alguns dos pontos de interesse num trajeto que se estende ao longo de 12 quilómetros pelas margens do rio Mondego e afluentes, existindo trajetos mais curtos para famílias e pessoas com mobilidade reduzida. Um dos momentos marcantes é a passagem pela Cascata da Ribeira do Caldeirão, também conhecida por Cascata Rosa, uma imponente queda de água com cerca de 50 metros, considerada um lugar mágico graças à mescla de tons rosado e alaranjado resultante da oxidação de sulfuretos salientados pela água nas rochas.



Passadiços do Mondego © Direitos Reservados

DEEP IN THE HEART OF NATURE

Vide Entre Vinhais e Prados, Celorico da Beira
Mondego Footpaths, Guarda

Bathed by the Mondego river, at the foot of Serra da Estrela, the village of Celorico da Beira is the perfect place for an experience with nature at its purest state. The mountain landscapes dotted with streams and levadas of transparent water are truly enchanting. If you wish to get lost in the countryside and admire the view, go to Vide Entre Vinhas and climb up to Penedo do Bico and Penedo Gordo. In the parish of Prados, wander through vast woodlands with fertile soils where you can find several different species of mushrooms. Don't forget to try the cheese produced in the region. After all, Celorico da Beira is considered the capital of Serra da Estrela cheese.

A little farther south, the Mondego Footpaths, which inaugurated in November 2022, and their stunning landscapes are already considered a must-see in the region of Guarda. Viewpoints, waterfalls, levadas, windmills, and suspension bridges are just some of the points of interest on a route that stretches over 12 kilometres along the banks of the Mondego River and its tributaries, with shorter routes for families and those with limited mobility. One of the most remarkable moments is the visit to Cascata da Ribeira do Caldeirão, also known as the Pink Cascade, a stunning waterfall roughly 50 metres high regarded as a magical place thanks to the mixture of pink and orange tones resulting from the oxidation of sulphides brought out by the water in the rocks.

DENTRO DE ÁGUA

Praia Fluvial da Senhora da Ribeira, Santa Comba Dão
Praia Fluvial da Lapa dos Dinheiros, Seia

Conhecida por fazer as delícias de quem vive ou visita Santa Comba Dão, a Praia Fluvial da Senhora da Ribeira situa-se num território de grande beleza natural. É a escolha ideal para um dia de mergulhos, desportos náuticos, como a canoagem ou o *stand-up paddle*, ou simplesmente para convívio, descanso ou contemplação da natureza envolvente. Estende-se por uma vasta área, com diversos recantos povoados por castanheiros e carvalhos, perfeitos para oferecerem sombra nos dias mais quentes.

Em Seia, por entre sucessivas cascatas formadas pelos relevos acidentados do vale, em perfeita simbiose com a montanha, surge a Praia Fluvial da Lapa dos Dinheiros. Localizada no Parque Natural da Serra da Estrela na ribeira da Caniça, forma um espelho límpido de água que atrai quem por ali passa. Nas imediações, existe um dos bosques mais antigos e extensos de castanheiros da zona, o que torna este lugar ainda mais especial. Perto da praia, a ponte romana, Ponte da Caniça, leva a um caminho pedonal que dá acesso a um miradouro que permite ver as quedas de água.

IN THE WATER

River Beach of Senhora da Ribeira, Santa Comba Dão
River Beach of Lapa dos Dinheiros, Seia

Known for delighting those who live or visit Santa Comba Dão, the River Beach of Senhora da Ribeira is located in an area of immense natural beauty. It is the ideal choice for a day spent diving, practising water sports such as canoeing or stand-up paddle, or simply socialising, resting, or contemplating the surrounding nature. It extends over a vast area, with various spots covered with chestnut and oak trees, which are perfect sources of shade on the hottest days.

In Seia, among a series of waterfalls shaped by the rugged reliefs of the valley, in perfect symbiosis with the mountain, stands the Lapa dos Dinheiros River Beach. Located in the Serra da Estrela Natural Park on the Caniça stream, it forms a clear mirror of water that attracts whoever comes there. Nearby, there is one of the oldest and most extensive chestnut groves in the area, which makes this place even more special. Close to the beach, the Ponte da Caniça, a Roman bridge, leads to a footpath that accesses a belvedere where you can appreciate the waterfalls.



Praia Fluvial de Santa Comba Dão © Câmara Municipal de Santa Comba Dão



Mural de Kruella d'Enfer em Estarreja © Câmara Municipal de Estarreja



Igreja Matriz de Válega, Ovar © Câmara Municipal de Ovar

MUSEUS AO AR LIVRE

Estarreja, Águeda e Ovar

Em Águeda, juntam-se aos já famosos milhares de chapéus de chuva coloridos, diversos projetos de arte urbana. Desde 2006, impulsionadas pelo festival AgitÁgueda, espalham-se por toda a cidade pinturas, intervenções e instalações artísticas. Existe um roteiro com os 43 pontos de arte urbana disseminados pelas ruas, que incluem obras de artistas como AkaCorleone, Alicja Biala, Coletivo Nora ou Duo Amazonas.

Estarreja está repleta de ruas que também são museus. Exibem obras de arte feitas por artistas convidados pelo ESTAU — Estarreja Arte Urbana, desde 2016. São já mais de 40 as fachadas e paredes de edifícios espalhadas por vários locais onde é possível vislumbrar obras de artistas como Tamara Alves, Bordalo II, Kruella d'Enfer ou Vhils.

Num país repleto de igrejas, em Ovar, existem duas que, pelas suas fachadas, são dignas de relevo: a Igreja Matriz de Santa Maria de Válega e a Igreja Matriz de Santa Marinha de Cortegaça. Destacam-se pelos seus painéis de azulejos que revestem as fachadas frontais dos edifícios. No caso da Igreja de Santa Maria de Válega (1959), os seus azulejos de múltiplas cores ilustram diversas cenas bíblicas, fazendo dela uma igreja com uma das fachadas mais impressionantes do país. Igualmente impactante, embora com menos variação de cor, a Igreja Matriz de Santa Marinha de Cortegaça (1910) apresenta uma fachada revestida com azulejos azuis e brancos, com algumas figuras bíblicas. Vale a pena a visita.

OPEN AIR MUSEUMS

Estarreja, Águeda and Ovar

The already famous thousands of coloured umbrellas in Águeda are joined by various urban art projects. Driven by the AgitÁgueda festival, the city has been dotted with paintings, interventions and artistic installations since 2006. There is a route with the 43 urban art points scattered through the streets, which include works by artists such as AkaCorleone, Alicja Biala, Coletivo Nora, or Duo Amazonas.

Estarreja has countless streets which are also museums. They display artworks made by artists invited by ESTAU – Estarreja Arte Urbana, since 2016. There are already more than 40 building façades and walls throughout various locations where it is possible to see works by artists such as Tamara Alves, Bordalo II, Kruella d'Enfer, or Vhils.

In a country replete with churches, there are two in Ovar which are significant for their façades: Igreja Matriz de Santa Maria de Válega and Igreja Matriz de Santa Marinha de Cortegaça. Both stand out for their tile panels covering the front façades of the buildings. The multi-coloured tiles of the Church of Santa Maria de Válega (1959) illustrate various biblical scenes, making it a church with one of the most impressive façades in the country. Just as stunning, albeit with less colour variation, Igreja Matriz de Santa Marinha de Cortegaça (1910) features a façade covered in blue and white tiles, with some biblical figures. It is definitely worth a visit.

A EQUIPA DO D. MARIA II

Direção Artística

Pedro Penim

Conselho de Administração

Rui Catarino, Sofia Campos, Sónia Teixeira

Fiscal Único

Amável Calhau & Associados, SROC, Lda.

Adjunto Direção Artística

Luís Sousa Ferreira

Assessoria Direção Artística

Sandra Azevedo

Secretariado

Marina Almeida Ricardo

Motorista

Filipe Guerreiro

Elenco Residente

João Grosso, José Neves, Manuel Coelho

Direção de Produção

Carla Ruiz

Produção Executiva

Pedro Pires (coord.), Bruna Antonelli, Eva Nunes, João Lemos, Paula Fernandes, Pedro Pestana, Rita Forjaz

Direção de Cena

André Pato

Diretoras/es de Cena

Andreia Mayer, Carlos Freitas, Catarina Mendes, Isabel Inácio, Pedro Leite, Sara Cipriano
Guarda-roupa

Aldina Jesus (coord.), Alejandra Pliego, Ana Martins, João Pinto, Sílvia Galinha

Auxiliares de Camarim

Carla Torres,

Paula Miranda

Adereços Nuno Costa

Assistente Direções

de Cena e Técnica

Sara Villas

Direção Técnica

Rui Simão

Coordenação Técnica

Daniel Varela

Maquinaria e Mecânica

de Cena

Frederico Godinho (coord.),

Jorge Aguiar, Lindomar

Costa, Marco Ribeiro,

Miguel Carreto, Paulo Brito,

Reginaldo Silva

Iluminação

Feliciano Branco (coord.),

Filipe Quaresma, Gonçalo

Morais, Luís Lopes, Pedro

Alves, Rita Sousa

Som/Audiovisual

João Pratas (coord.),

André Dinis Carrilho, João

Francisco Silva, João

Neves, Margarida Pinto, Rui

Dâmaso

Motorista

Carlos Luís

Direção de Comunicação e Marketing

João Pedro Amaral

Assessoria de Imprensa

Élia Teixeira

Digital

Joana Bonifácio, Mariana

Santos

Edição de Conteúdos

Diogo Seno

Produção de

Comunicação

Catarina Freire

Secretariado

Paula Martins

Direção Administrativa e Financeira

Luís Cá

Controlo de Gestão

Diogo Pinto

Contabilidade

Susana Cerqueira (coord.),

Carolina Lemos,

Sophie Tomás,

Compras

Eulália Ribeiro

Contratação Pública

Rute Presado (coord.)

Tesouraria

Sofia Ventura

Recursos Humanos

Lélia Calado, Madalena

Domingues

Direção de Manutenção

Susana Dias

Coordenação

de Manutenção

Albertina Patrício

Manutenção Geral

Raul Rebelo (coord.),

Carlos Henriques, Eduardo

Chumbinho, Tiago Trindade

Sistemas de Informação

Carlos Dias (coord.), Nuno

Viana

Limpeza

Ana Paula Costa, Luzia

Mesquita

Direção de Relações Externas e Frente de Casa

Ana Ascensão

Parcerias, Desenvolvimento

e Fundraising

Ana Pinto Gonçalves

Mediação e Projetos

de Continuidade

Carolina Villaverde Rosado,

Joana Grande, Léa Prisca

López, Madalena Flores,

Maria João Santos, Mariana

Gomes

Avaliação

e Monitorização

Patrícia Silva Santos

Bilheteira

Rui Jorge (coord.),

Carla Cerejo,

Sandra Madeira

Receção

Paula Leal

Direção de Documentação e Património

Cristina Faria

Produção Executiva

Patrícia Romão

Acervo

Rita Carpinha

Biblioteca | Arquivo

Catarina Pereira, Ricardo

Cabaça, Vera Azevedo

Livraria

Maria Sousa

Revista Ítaca

Proprietário

Teatro Nacional D. Maria II

Coordenação Editorial

Carolina Lapa

Cláudia Lomba

Conteúdos

Alípio Padilha, André

Tecedeiro, Catarina

Requeijo, Carolina Lapa,

Cláudia Lomba, Daniela

Silva, Fernando Giestas,

Léa Prisca López, Lila Tiago,

Maria Inês Santos, Odete,

Patrícia Silva Santos, Rafaela

Santos, Samuel Silva, Tiago

Bartolomeu Costa

Tradução

Sara Veiga

Tiragem

17.000 exemplares

ABRIL

ABR—JUN	ESCOLAS	OFICINA DE TEATRO	UISEU
ABR - JUN	ESCOLAS	OFICINA DE TEATRO	SANTA COMBA DÃO
ATÉ 28 ABR	EXPOSIÇÃO	QUEM ÉS TU? - UM TEATRO NACIONAL A OLHAR PARA O PAÍS	ÁGUEDA
12—13 ABR	ESCOLAS	LABORATÓRIO TEATRAL - PALAVRAS APENAS	POMBAL
14 ABR	ESPETÁCULOS	OUTRA LÍNGUA	POMBAL
15 ABR	ESCOLAS	LABORATÓRIO TEATRAL - OUTRO ESPETÁCULO	POMBAL
15 ABR	ESPETÁCULOS	O MISANTROPO - POR HUGO VAN DER DING E MARTIM SOUSA TAVARES A PARTIR MOLIÈRE	FIGUEIRA DA FOZ
15 ABR	PARTICIPAÇÃO	ESTÓRIAS COM MEMÓRIA	POMBAL
15—16 ABR	PARTICIPAÇÃO	MIL E UMA NOITES	FIGUEIRA DA FOZ
19—20 ABR	ESCOLAS	LABORATÓRIO TEATRAL - PALAVRAS APENAS	TORRES NOVAS
21 ABR	ESPETÁCULOS	OUTRA LÍNGUA	TORRES NOVAS
21—22 ABR	ESPETÁCULOS	NAU NAU MARIA	FUNDÃO
22—23 ABR	PARTICIPAÇÃO	MAPAS PARA UMA FELI(Z)CIDADE	FUNDÃO
22 ABR	ESCOLAS	LABORATÓRIO TEATRAL - OUTRO ESPETÁCULO	TORRES NOVAS
22 ABR	ESPETÁCULOS	O MISANTROPO - POR HUGO VAN DER DING E MARTIM SOUSA TAVARES A PARTIR MOLIÈRE	ÁGUEDA
24—29 ABR	PARTICIPAÇÃO	O CAMINHO PARA "TERMINAL (O ESTADO DO MUNDO)"	IDANHA-A-NOVA
26—27 ABR	ESCOLAS	LABORATÓRIO TEATRAL - PALAVRAS APENAS	ESTARREJA
28 ABR	ESPETÁCULOS	OUTRA LÍNGUA	ESTARREJA
28 ABR	ESPETÁCULOS	NAU NAU MARIA	IDANHA-A-NOVA
28—29 ABR	ESPETÁCULOS	DESCOBRI-QUÊ?	SANTA COMBA DÃO
29 ABR	ESCOLAS	LABORATÓRIO TEATRAL - OUTRO ESPETÁCULO	ESTARREJA
30 ABR	PARTICIPAÇÃO	ASSEMBLEIA	SARDOAL

MAIO

5—6 MAI	ESPETÁCULOS	NAU NAU MARIA	SARDOAL
5—6 MAI	ESPETÁCULOS	DESCOBRI-QUÊ?	ALBERGARIA-A-VELHA
6—27 MAI	EXPOSIÇÃO	QUEM ÉS TU? - UM TEATRO NACIONAL A OLHAR PARA O PAÍS	CALDAS DA RAINHA
6 MAI	PARTICIPAÇÃO	PARLAPATÓRIO	MIRANDA DO CORVO
8 MAI	FORMAÇÃO	PARCERIAS, DESENVOLVIMENTO E FUNDRAISING	CASTELO BRANCO
10—12 MAI	ESCOLAS	PRIMEIRO ANDAMENTO	ALBERGARIA-A-VELHA
11—13 MAI	ESCOLAS	LABORATÓRIO TEATRAL - DESCOBRI-QUÊ?	SEIA
12 MAI	ESPETÁCULOS	SILENCE, SILENCE, SILENCE, PLEASE	COIMBRA
12—13 MAI	ESPETÁCULOS	NAU NAU MARIA	MIRANDA DO CORVO
12—13 MAI	ESPETÁCULOS	DESCOBRI-QUÊ?	SEIA
13—14 MAI	PARTICIPAÇÃO	CARTOGRAFIA DOS DESEJOS	SANTARÉM
13 MAI	ESCOLAS	OFICINA PARA EDUCADORES DE INFÂNCIA	CELORICO DA BEIRA
13 MAI	ESPETÁCULOS	O MISANTROPO - POR HUGO VAN DER DING E MARTIM SOUSA TAVARES A PARTIR MOLIÈRE	COIMBRA
15 MAI	FORMAÇÃO	PLANO ESTRATÉGICO DE COMUNICAÇÃO	FUNDÃO
16, 23, 30 MAI	FORMAÇÃO	DIREÇÃO DE CENA E TÉCNICA	CASTELO BRANCO
17—18, 20 MAI	ESCOLAS	LABORATÓRIO TEATRAL - DESCOBRI-QUÊ?	OVAR
18 MAI	ESPETÁCULOS	CLUBE DOS POETAS VIVOS	OVAR
19 MAI	ESPETÁCULOS	VIAGEM POR MIM TERRA	COVILHÃ
19—20 MAI	ESPETÁCULOS	AS TRÊS IRMÃS	SANTARÉM
19—20 MAI	ESPETÁCULOS	DESCOBRI-QUÊ?	OVAR
20 MAI	ESPETÁCULOS	O MISANTROPO - POR HUGO VAN DER DING E MARTIM SOUSA TAVARES A PARTIR MOLIÈRE	COVILHÃ
20—21 MAI	PARTICIPAÇÃO	OBSERVATÓRIO DOS RIOS	OURÉM
20—21 MAI	PARTICIPAÇÃO	ATO DE ARREBANHAR E OUTRAS TRANSUMÂNCIAS	COVILHÃ
22 MAI	FORMAÇÃO	PROJETOS DE PARTICIPAÇÃO E TERRITÓRIO	COVILHÃ
24—25 MAI	ESCOLAS	OFICINA PARA EDUCADORES DE INFÂNCIA	CARTAXO

MAIO

24—25, 27 MAI	ESCOLAS	LABORATÓRIO TEATRAL - DESCOBRI-QUÊ?	LEIRIA
26 MAI	ESPETÁCULOS	OS IDIOTAS	OURÉM
26 MAI	ESPETÁCULOS	CASA PORTUGUESA	CALDAS DA RAINHA
26—27 MAI	ESPETÁCULOS	DESCOBRI-QUÊ?	LEIRIA
26—28 MAI	ESPETÁCULOS	FESTIVAL PANOS	ÍLHAVO
27—28 MAI	PARTICIPAÇÃO	NÓS, QUEM SOMOS?	CASTELO BRANCO
29 MAI	FORMAÇÃO	DIREITOS DE AUTOR E DIREITOS CONEXOS	SÃO JOÃO DA MADEIRA
30 MAI—1 JUN	ESCOLAS	FALAS ESTRANHÊS?	CARTAXO

JUNHO

2 JUN	ESPETÁCULOS	PÉROLA SEM RAPARIGA	ALCANENA
2 JUN	ESPETÁCULOS	OS IDIOTAS	CARTAXO
2—4 JUN	ESPETÁCULOS	OINK	TONDELA
3 JUN	ESPETÁCULOS	CASA PORTUGUESA	CASTELO BRANCO
3—4 JUN	PARTICIPAÇÃO	PE_SOA: ÍNDICE DE INCÓGNITAS PARA A ESCUTA DE LUGARES	SÃO JOÃO DA MADEIRA
3—24 JUN	EXPOSIÇÃO	QUEM ÉS TU? - UM TEATRO NACIONAL A OLHAR PARA O PAÍS	UISEU
4 JUN	PARTICIPAÇÃO	PARLAPATÓRIO	ALCANENA
5 JUN	FORMAÇÃO	COMUNICAÇÃO E SEGMENTAÇÃO DE PÚBLICOS	COIMBRA
5—7 JUN	ESCOLAS	FALAS ESTRANHÊS?	CELORICO DA BEIRA
6, 20, 27 JUN	FORMAÇÃO	DIREÇÃO DE COMUNICAÇÃO E ARQUIVO	AVEIRO
9 JUN	ESPETÁCULOS	PÉROLA SEM RAPARIGA	SÃO JOÃO DA MADEIRA
9 JUN	ESPETÁCULOS	CASA PORTUGUESA	GUARDA
10 JUN	ESPETÁCULOS	OS IDIOTAS	CELORICO DA BEIRA
10—11 JUN	PARTICIPAÇÃO	PORVIR	TOMAR
12—16 JUN	FORMAÇÃO	MÃOS A DENTRO	COIMBRA
14—16 JUN	ESCOLAS	PRIMEIRO ANDAMENTO	AVEIRO
16 JUN	ESPETÁCULOS	OS IDIOTAS	UISEU

JUNHO

16—17 JUN	ESPETÁCULOS	AS CASTRO	TOMAR
17 JUN	ESPETÁCULOS	CASA PORTUGUESA	AVEIRO
19 JUN	FORMAÇÃO	PLANEAMENTO DE PRODUÇÃO E INICIAÇÃO AO SOFTWARE DE GESTÃO DE EQUIPAS	ESTARREJA
19—23 JUN	FORMAÇÃO	MÃOS A DENTRO	SÃO JOÃO DA MADEIRA
19—24 JUN	PARTICIPAÇÃO	O CAMINHO PARA "TERMINAL (O ESTADO DO MUNDO)"	OLIVEIRA DO BAIRRO
24 JUN	ESPETÁCULOS	AS CASTRO	OLIVEIRA DO BAIRRO
26 JUN	FORMAÇÃO	DIVERSIDADE E INCLUSÃO NAS ARTES PERFORMATIVAS	ÁGUEDA
29—30 JUN	ESPETÁCULOS	IFIGÉNIA	TORRES VEDRAS
30 JUN, 1 JUL	PENSAMENTO	CENÁRIOS PRESENTES	TORRES VEDRAS
1 JUL	ESPETÁCULOS	VIAGEM POR MIM TERRA	TORRES VEDRAS

6
7



REPÚBLICA PORTUGUESA

CULTURA

PARCEIROS D. MARIA II

PARCEIRO PRINCIPAL

O Grupo Ageas Portugal é o parceiro principal do Teatro Nacional D. Maria II desde 2019. Através do seu apoio à Rede Eunice Ageas e ao Prémio Revelação Ageas Teatro Nacional D. Maria II, contribui para o acesso ao teatro ao nível nacional e para o reconhecimento de novos talentos no âmbito teatral. Durante o ano de 2023, o Grupo Ageas Portugal apoia ainda o projeto de acessibilidade do D. Maria II.

grupo
ageas[®]
portugal

MECENAS

O Banco BPI e a Fundação "la Caixa" são mecenas dos projetos PANOS e Próxima Cena. Este apoio fortalece o trabalho desenvolvido pelo Teatro Nacional D. Maria II nos âmbitos educativo e do desenvolvimento de públicos.



PARCEIRO DE INOVAÇÃO

A NTT DATA Portugal associa-se ao Teatro Nacional D. Maria II para promover a inovação cultural e no projeto Antecipar o Futuro.

NTT DATA

ODISSEIA NACIONAL

Com o Alto Patrocínio
de Sua Excelência



O Presidente da República

ATOS



FRUTOS



CENÁRIOS

Portugal
**INOVAÇÃO
SOCIAL**



NEXOS



APOIO INSTITUCIONAL



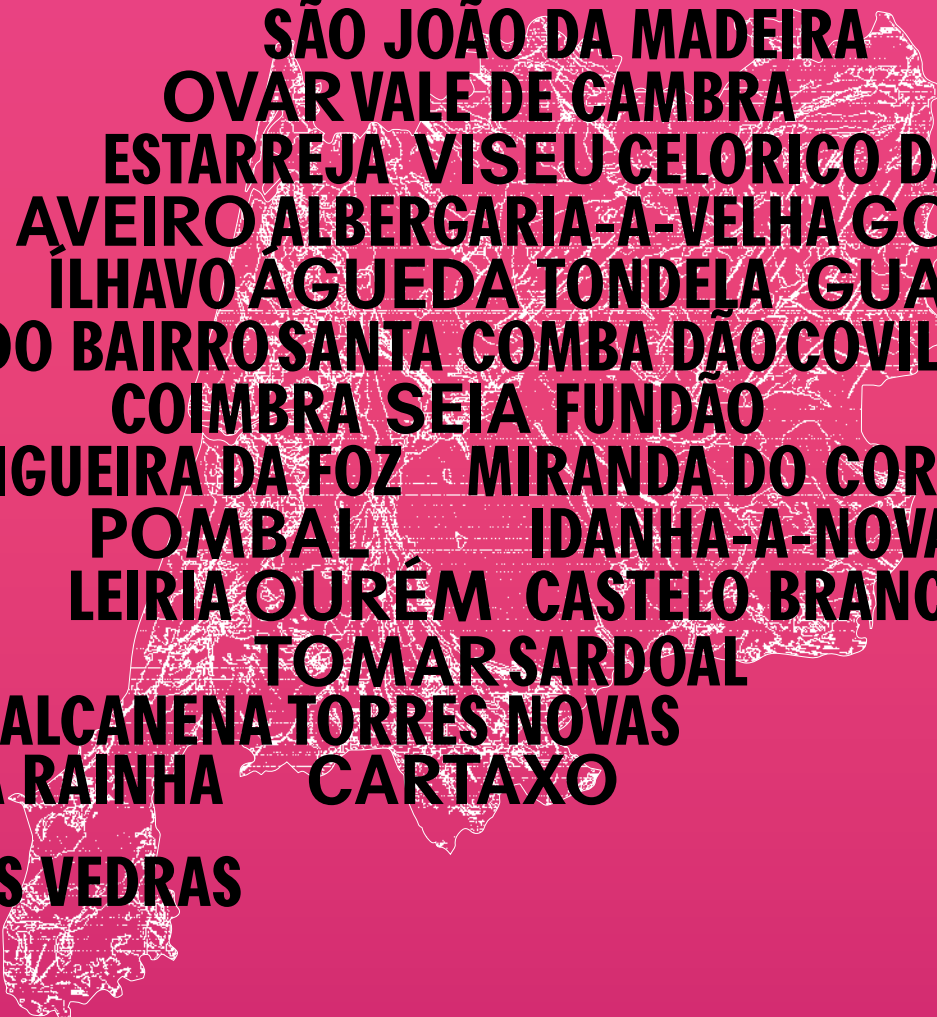
PROGRAMA VALORIZAR

Linha de Apoio ao Turismo Acessível



REDES DE ARTES PERFORMATIVAS





**SÃO JOÃO DA MADEIRA
OVAR VALE DE CAMBRA
ESTARREJA VISEU CELORICO DA BEIRA
AVEIRO ALBERGARIA-A-VELHA GOUVEIA
ÍLHAVO AGUEDA TONDELA GUARDA
OLIVEIRA DO BAIRRO SANTA COMBA DÃO COVILHÃ
COIMBRA SEIA FUNDÃO
FIGUEIRA DA FOZ MIRANDA DO CORVO
POMBAL IDANHA-A-NOVA
LEIRIA OURÉM CASTELO BRANCO
TOMAR SARDOAL
ALCANENA TORRES NOVAS
CALDAS DA RAINHA CARTAXO
TORRES VEDRAS**